CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE

INÊS HELENA MADRUGA NUNES

LINGUAGEM E VERDADE EM NIETZSCHE

CANOAS, 2009

INÊS HELENA MADRUGA NUNES

LINGUAGEM E VERDADE EM NIETZSCHE

Trabalho de conclusão apresentado para a banca examinadora do curso de Filosofia do Centro Universitário La Salle – Unilasalle, como exigência parcial para a obtenção do grau de Bacharelado e Licenciatura em Filosofia.

Orientação: Profº Ms. Gilmar Zampieri

CANOAS, 2009

INÊS HELENA MADRUGA NUNES

LINGUAGEM E VERDADE EM NIETZSCHE

Trabalho de conclusão aprovado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharelado e Licenciatura em Filosofia pelo Centro Universitário La Salle – Unilasalle.

Aprovado pela banca examinadora em 27 de novembro de 2009.

BANCA EXAMINADORA:

_____

Profº Ms. Gilmar Zampieri

_____

Profº Ms. Rudinei Müller

_____

Profº Dr. Luís Evandro Hinrichsen

“A importância da linguagem para o desenvolvimento da cultura está em que nela o homem estabeleceu um mundo próprio ao lado do outro, um lugar que ele considerou firme o bastante para, a partir dele, tirar dos eixos o mundo restante e se tornar seu senhor. Na medida em que por muito tempo acreditou nos conceitos e nomes de coisas como em *aeternae veritates* [verdades eternas], o homem adquiriu este orgulho com que se ergueu acima do animal: pensou ter realmente na linguagem o conhecimento do mundo. O criador da linguagem não foi modesto a ponto de crer que dava às coisas apenas denominações, ele imaginou isto sim, exprimir com palavras o supremo saber sobre as coisas; de fato, a linguagem é a primeira etapa no esforço da ciência. Da crença na verdade encontrada fluíram, aqui também as mais poderosas fontes de energia. Muito depois – somente agora – os homens começaram a ver que, em sua crença na linguagem, propagaram um erro monstruoso” (NIETZSCHE).

RESUMO

Neste projeto de pesquisa a questão a ser investigada é a crítica nietzschiana à metafísica da linguagem. Discute a formação da história do pensamento nos limites da apreensão humana. Analisa, assim, a distinção que o autor faz do mal entendido entre ser-pensar-falar. Nosso foco é a problemática da linguagem e verdade na interpretação de Nietzsche, vista como uma dupla face que emerge do processo psicofísico e da necessidade das condições do existir na existência.

Palavras chave: Metafísica da linguagem. História do pensamento. Conhecimento. Existência. Niilismo.

ABSTRACT

In this research project the question to be investigated is the Nietzschean critique of metaphysics of language. Discusses the formation of the history of thought within the limits of human understanding. Examine, so the distinction made by the author of misunderstanding between to-be-think-speak. Our focus is the issue of language and truth in the interpretation of Nietzsche, seen as one-sided process that emerges from the psychophysical and the need of the conditions of existence into existence.

Keywords: Metaphysics of language. History of ideas. Knowledge. Existence. Nihilism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....7
2 GENEALOGIA DA LINGUAGEM, VERDADE E HISTÓRIA.....9
2.1 A metafísica da linguagem e a história do pensamento.....10
2.2 A palavra e a vontade de memória.....13
2.3 O caráter metafórico da verdade.....19
3 CORPO, PENSAMENTO E LINGUAGEM.....25
3.1 Pensamento e linguagem.....25
3.2 Instinto, linguagem e razão.....29
3.3 Linguagem e consciência.....32
4 LINGUAGEM, RAZÃO E NIILISMO.....40
4.1 Do saber pré-socrático ao niilismo.....40
4.2 O cogito humilhado em Nietzsche.....48
4.3 O nada saber e a solidão do ser humano.....54
5 CONCLUSÃO.....57
REFERÊNCIAS.....59

1 INTRODUÇÃO

Ao nos depararmos com os textos de Nietzsche, nos sentimos diante de um emaranhado aforístico que se multiplicam e confundem-se com a própria obra. Para nós, ele tornou-se autêntico crítico por expressar a dupla face contida na história do pensamento. Acalentando a pretensão de redescobrir algo novo na vertente de seu pensamento, interpretaremos sua concepção de metafísica da linguagem para extrairmos daí a raiz do problema do conhecimento pensado por ele. Nossa investigação perseguirá seu modo crítico de interpretar e contradizer as formas habituais do pensar valorativo. Então, elaboramos nesse trabalho, um exame entre existir e existência, para construirmos, a partir da visão nietzschiana, o significado fisiológico e a história do pensamento nos limites da linguagem. Dentre as questões a serem tratadas, enfatizaremos como pano de fundo o mal-entendido da fala que dá sentido às palavras e põe à mostra a ficção primeira do humano, demasiado humano como produto do pensar-falar do vigor primordial. A vontade de potência que dá origem ao processo aberto à realidade de fazer, ser e realizar, vinculado ao movimento cíclico da vida que emerge, remete e retorna ao nada?

Nossa pesquisa sobre o tema *Linguagem e verdade em Nietzsche* surgiu das questões existenciais entre pensar e falar implícita na filosofia nietzschiana. Nosso objetivo, num primeiro momento, é investigar o que o autor quer dizer ao mencionar os jogos de linguagem como vontade de verdade e teia da razão na representação dos fatos; procuramos em seguida analisar o que ocorre na linguagem convencional, o subsistir e a figuração das coisas. Sobretudo, avaliamos a dimensão filosófica de Nietzsche, a qual nos impõe investigar o porquê de sua concepção acerca da história do pensamento e das dificuldades, por ele encontrada, em relação ao discurso filosófico e a realidade. Como filólogo, Nietzsche busca refazer a trama dos conceitos, resgatando referências teóricas desde Platão até a modernidade, envolvendo o saber às questões culturais de seu tempo para realçar o caráter da vontade de verdade.

Nossa suposição é de que à transmutação dos valores, pensada por Nietzsche, é um procedimento genealógico que pretende atingir a interpretação distorcida do conhecimento em relação ao existir da existência. Nossa hipótese parte do modo como Nietzsche sente a vida em sua totalidade psicofísica; o instinto é intrínseco à vida na existência e a vida é adestrada à razão

e, por isso, o homem é estranho à sua própria existência. Há irreverência entre valores morais e vida estabelecida pela maneira de pensar e agir da sociedade, um transbordamento de excessos, êxtases, desejos e necessidades. Assim, formamos a partir do filosofar a golpes de martelo do autor, as questões limítrofes entre pensamento, linguagem e verdade como domínio de uma técnica rigorosa da convenção.

O trabalho está estruturado em três capítulos, nos quais, retoma a estreita ligação psicológica e a conduta humana. Nossa discussão gira em torno da história do pensamento, linguagem e verdade como defeito hereditário requerido na totalidade do mundo como o advir do niilismo desdobrando-se no esquecimento do ser. Busca-se o ponto de ligação da origem da linguagem, como primeiro esforço da técnica, articulação sob nova ótica, onde o homem entrevê entre verdade e natureza os fenômenos que ele pressupõe. O critério que se propõe é interpretar o autor como ele interpretou a vida em seu continuo devir e reinscrever suas preocupações sobre o problema sublingual, isto é, o que está por trás da linguagem como condição humana. Por certo, nesse trabalho, delimitamos a preocupação extemporânea do autor e sua denúncia ao abandono da vida e a falta de reflexão sobre o existir. Por que o autor entrevê o niilismo instaurado no ser? Nossos questionamentos viabilizam a pergunta pelo ser? Possibilitam respostas? A pergunta que se impõe, desde logo, quanto à linguagem em relação à existência, explicita as razões do existir? A representação das idéias é dizível? Por certo, nesse trabalho reinterpretamos o discurso nietzschiano para explicitarmos o porquê Nietzsche privilegia em seus aforismos o problema da linguagem e verdade como produção do imaginário humano que influencia a história do pensamento.

2 GENEALOGIA DA LINGUAGEM, VERDADE E HISTÓRIA

Importa-nos apresentar neste capítulo *Genealogia da linguagem, verdade e história*, uma interpretação próxima do pensamento de Nietzsche, para explicitarmos o problema da linguagem como uma crítica positiva, uma perspectiva de transvaloração como condição de afirmação da vida e possibilidade de acessar o sentido subjacente a ela. Em *Humano, demasiado humano*, o sentido que Nietzsche dava a nossa linguagem, aponta para a ficção primeira, um delírio humano que reduziu ao nada a realidade do mundo, e, bastou o homem criar novos nomes, o caráter metafórico mascarou a identidade orgânica. A genealogia da linguagem é o cerne da argumentação deste trabalho com o qual pretendemos investigar a importância da crítica da linguagem por trás do que Nietzsche chama transvaloração dos valores, para recuperar o sentido que ele dava à transvaloração como um meio de romper a malha conceitual produzida e sustentada no decorrer da história do pensamento que, enredou a vida à idéia de um hábito gramatical. Discutiremos a relação dos homens com a linguagem; o princípio lógico como produto da necessidade, medo, conflito psicológico e desconhecimento da vida; a linguagem como trama conceitual e aparato metafísico ligado à história do pensamento e a palavra transposta em sinônimo de coisa, vontade de duração e vontade de verdade. Nosso propósito é interpretar o pensamento de Nietzsche como meta necessária à reflexão da importância do seu projeto crítico, ao apontar a *metafísica da linguagem* como experimentação do vazio jogo excludente. Portanto, a primeira parte, *Metafísica e linguagem*, trata da malha de identidade imposta pela história do pensamento e mostra a vinculação da linguagem em torno do ser como vontade de memória para regrar a conduta humana. Na segunda parte, *A palavra e a vontade de memória*, discute a vontade de memória como algo implícito a partir do ensino mecânico, uma capacidade de esquecimento que possibilitou ao homem preservar o hábito e acreditar num suposto conhecimento. Na terceira parte, *O caráter metafórico da verdade*, enfatiza o caráter da verdade, a articulação entre intelecto, conhecer e sentir e a tensão entre razão e instinto.

2.1 A metafísica da linguagem e a história do pensamento

Que na obra de Nietzsche se encontra uma genealogia da linguagem, em suas próprias palavras, é o que pretendemos mostrar. E é este, o cerne deste trabalho, mostrar o que Nietzsche chama de transvalorar a rede de valores criados no decorrer da história do pensamento, esta malha conceitual, fundada na ficção, onde a lógica, por exemplo, será para Nietzsche uma convenção, em vez de fornecer critérios de verdade, ela é uma ficção fundada em hipóteses da realidade existencial, por isso, a noção da gramática é definida como metafísica da linguagem, pois, em várias épocas, fez a distinção entre sensível e inteligível, verdade e aparência, fenômeno e coisa em si, etc. Todo este construto humano de conceitos constitui as malhas da gramática que enredam o homem em uma necessidade metafísica. A noção da idéia de Platão e o sujeito transcendental kantiano tomam o aspecto da linguagem e torna-se hipótese conceitual na razão. Nietzsche associa a pesquisa histórica do pensamento ao exame dos elementos fornecidos pelo comportamento humano.

> Esses homens históricos acreditam que o sentido da existência, no decorrer de seu processo, virá cada vez mais à luz; eles só olham para trás para, na consideração do processo até agora, entenderem o presente e aprenderem a desejar com mais veemência o futuro. Não sabem quão a-historicamente, a despeito de toda a sua história, eles pensam e agem, e como até mesmo sua ocupação com a história não está a serviço do conhecimento puro, mas da vida. [...] Em contraposição a todos os modos históricos de considerar o que passou, chegam à total unanimidade da proposição: o passado e o presente são um e o mesmo [...] assim como as centenas de línguas diferentes correspondem às mesmas necessidades tipicamente estáveis dos homens (NIETZSCHE, 1983, p. 59).

Para ele, esse processo não é isolado, há uma cooperação mútua entre vontade de memória e vontade de verdade, a partir daí, depreende que, tanto a vontade de memória quanto à vontade de verdade contribuiu para nortear a conduta humana, consolidando a razão na linguagem, e questiona: “o que se passa com aquelas convenções da linguagem? [...] É a linguagem a expressão adequada de todas as realidades?” (NIETZSCHE, 1983, p. 47). Dessa perspectiva, examina o jogo de analogia implícito na linguagem e parte da história do pensamento para refletir por detrás do construto da racionalidade, o edifício metafísico da linguagem impostos pelos costumes e mistura desordenada de ações que, move-se sob uma espécie de comando que nega esta existência. Assim, Nietzsche estabelece estreita ligação psicológica relativa à conduta humana e o estudo histórico do pensamento para explicar as condições de existência. Trata-se, para o filosofo, de perceber como o mecanismo, presente na linguagem, na razão e na história do

pensamento, enfraquecem a vida. Para elaborar isso, Nietzsche vincula à falta de sentido histórico como "defeito hereditário" onde a vida passa a ser um emaranhado de relações de vontade de memória, de verdade e de poder. Das diferentes perspectivas surge a genealogia. Eis aí, o pensamento de Nietzsche, apregoar um novo comportamento humano, que consiga pensar de maneira não-metafísica, ter outra postura diante da razão e da linguagem e, dessa forma, evitar suas armadilhas.

Nessa medida, ele pensa vontade de memória e tempo, numa visão de mundo, como no devir de Heráclito de Éfeso que nada permanece, não há coisa, ser, substância, apenas transformações. Por isso, a idéia de um mundo constituído de conceitos, provém da construção e abstração por meio do pensamento. Deste modo, a histórica do pensamento pode ser útil para apontar os problemas das configurações dos homens que, ao perderem a capacidade de generalização, buscaram reconquistar a autenticidade efetiva na crença da fixidez e na imutabilidade da noção de objeto e sujeito, decorrente do processo de substancialização da palavra.

> A linguagem pertence, por sua origem, ao tempo da mais rudimentar forma de psicologia: entramos em um grosseiro Fetichismo quando trazemos à consciência as pressuposições fundamentais da metafísica da linguagem [...] da crença na substância-eu sobre todas as coisas – somente com isso cria o conceito coisa (NIETZSCHE, 1983, p. 331).

O mecanismo capaz de sustentar essas dissociações, no pensamento de Nietzsche, pode ser explicitado pelo hábito da linguagem. Isso lhe possibilitou reorganizar o pensamento e entrever, sob nova ótica, uma crítica à história, como memória milenar e coletiva, depositária de todas as experiências da humanidade e impossibilidade passiva de esquecer o passado, um ativo querer não mais desfazerem-se das lembranças, um não querer libertar-se da memória da vontade.

Nietzsche considera que, qualquer percepção sensível apreendido pelo intelecto converte-se em uma representação. Com isso, sustenta que a vontade da memória conserva impressões já fixadas pela comunicação, para ele, é sempre o nome que nos faz ver a coisa. A linguagem se constitui um conhecimento desse tipo, é uma representação, por ser uma representação da representação intuitiva, é somente um artifício das formas de pensar comunicando e fixando à idéia da fixidez como subsistente às transformações, por isso, interpretar o sentido histórico do pensamento é reconhecer que a repetição da vivência, transposta em linguagem, permite a comunicação para fins utilitários. Nietzsche irá reinterpretar essa teia na qual todos os homens

acabam por se enredar, para afirmar a vida tal como se apresenta ao homem, suas dificuldades do presente e os problemas relacionados à conduta humana, para solapar concepções desse sentido histórico, que nós reivindicamos como nossa especialidade.

> Filólogo de formação acredita que o estudo das línguas clássicas pode favorecer inclusive uma nova abordagem da cultura. [...] É preciso, pois, superar o ensino inconsequente e mecânico das línguas clássicas, reinscrevendo-as no contexto cultural de que fazem parte. [...] Com a filologia e a história, Nietzsche pretende restituir vida aos gênios e heróis, à cultura dos antigos, às civilizações que desapareceram, apontando aquilo que os tornou. Graças à comparação com épocas passadas, espera julgar o presente com um olhar mais crítico, usando o saber em prol da vida. Munido desses elementos, aplica-se então a refletir sobre doutrinas morais, eventos políticos e ensinamentos religiosos. [...] Não se trata aqui, porém, de apreciar o uso (ou apreciação) que faz de dados etimológicos e históricos, mas apenas de sublinhar o seu propósito de recorrer a eles na reflexão sobre a proveniência e as mudanças por que passam os valores (MARTON, 2000, p. 89-90).

Tomando o sentido etimológico e histórico para rechaçar a diferença e a singularidade como domínio do saber, Nietzsche está preocupado em ressaltar o caráter normativo da gênese da linguagem. Suas interpretações nada mais fazem do que projetar no passado o movimento do homem como autor, "sobre o criador da razão suficiente". Sua crítica é, na verdade, uma crítica a certa concepção de compreensão da realidade de mundo. E, portanto, procura desfazer a ilusão que temos de conhecimento, do que significa em si mesma a verdadeira razão de ser da existência. É desse ponto de vista que Nietzsche afirma que tudo é interpretação, e descreve a linguagem como um sistema de metáforas. Seus aforismos, diagnósticos históricos, não têm a pretensão de serem livros históricos, mas ponto de partida do projeto genealógico, não pretende, naturalmente, estabelecer uma verdade histórica, mas reconstruir o movimento pelo qual tivemos que inventar um espírito, uma alma, uma razão, negando nosso lado natural da vida e nos impor à obrigação da vida sob regras. Nietzsche rejeita a idéia de que a história possa constituir um domínio específico do saber e procura mostrar que agir de forma impessoal equivale a tornar-se crítico dos próprios preconceitos, por isso, pensa a psicologia como ciência estritamente ligada à história e instaurar o procedimento genealógico.

De fato, como não respeitar nele a teoria da linguagem, a desconfiança na razão e a concepção da verdade? Nietzsche não está interessado em nossa alma, nossa felicidade ou nossas virtudes, muito ao contrário, ele ressalta a necessidade de romper com esses pensamentos e destaca que a história pode prestar-se à reflexão do próprio sentido histórico. É por isso mesmo que insiste em estreitar a psicologia à história. O único critério para orientar à conduta humana é

examinar a origens dos conceitos, e, a partir da inversão de olhar, trabalhar com a noção de valor, e, isto, supõe o conhecimento das condições e circunstâncias de seu nascimento, seu desenvolvimento e sua modificação.

Com a história é impossível imitar outras épocas (implicaria renunciar a inovação), tampouco se pode prever os acontecimentos (formular leis válidas para o vir-a-ser). Para o autor, a importância da história está em prestar serviço à vida no presente real e seu projeto genealógico só pode realizar-se com esse pano de fundo dessa relação não verdadeira entre linguagem e realidade. Este é um dos pontos positivos do seu pensamento: análise sutil dos móveis do homem! Foi o que contribuiu para seu exame crítico do sentido duplo das condições de existência, mostrando as razões em que emergiram e se conservaram, sobretudo, o caráter interpretativo do entendimento humano, do mundo, do outro e de si mesmo. Em sua abordagem, é visada a colocação crítica da questão da percepção, linguagem, pensamento e ações humanas, bem como, o emprego dos signos à práxis da vida, para ressaltar a intrínseca ligação entre entendimento e linguagem. A história não só depende de uma linguagem reconhecida, afirma Nietzsche, mas, é criada em processos determinados, ligada às normas e valores. Sua crítica genealógica abre-se em *Humano*, *demasiado humano*, à busca da correlação de forças que deram origem aos valores; a vontade de verdade como erros de interpretação entre ser e pensar. Desde este ponto de vista, a genealogia aparece como método oposto à dialética para contrapor-se a metafísica da linguagem.

2.2 A palavra e a vontade de memória

Em *Humano*, *demasiado humano*, retraça seu percurso intelectual, apontando a contribuição decisiva da linguagem para formação dos juízos de valores, e, "sob que condições inventaram o homem aqueles juízos?" Para tanto, seria indispensável à aquisição da memória. O prometer, dar a palavra, prestar juramento, impressos à mente, ganham sentido indelével, de sorte que, a linguagem em muito contribui para fabricação desse modelo "de uma memória desbastada e uma experiência de vida desconexa" (NIETZSCHE, 1983, p. 56). Instaurar o procedimento genealógico, a partir da vontade de memória, é pressupor que há implícito "algo da escolaridade histórica e filológica, inclusive um inato sentido [...] de questões psicológicas" (NIETZSCHE, 1983, p. 298). Pensando assim, Nietzsche interpreta a questão do ensino mecânico, mostrando

que verdade e linguagem aparecem, desde a origem, como indissociáveis. Daí depreende que o caráter intrínseco da linguagem, constitui-se uma decorrência de seu exercício, estaria enraizado à origem, fruto de uma convenção.

> Como se faz no animal-homem uma memória? Como se imprime algo a esse [...] entendimento-de-instante, a essa viva aptidão de esquecimento, de modo que permaneça presente? [...] Como se pode pensar [...] nada mais terrível e monstruoso em toda a pré-história do homem do que sua mnemotécnica. 'Imprime-se algo a fogo, para que permaneça na memória: somente o que não cessa de fazer mal permanece na memória' [...] O homem achou necessário se fazer uma memória [...] para fins de hipnotização do inteiro sistema nervoso e intelectual por essas idéias fixas [...] para fazê-las 'inesquecíveis'. Quando pior 'de memória' era a humanidade, mais terrível é sempre o aspecto de seus usos; a dureza das leis penais dá [...] uma medida de quanto esforço ela teve da fazer para chegar à vitória sobre o esquecimento (NIETZSCHE, 1983, p. 304-305).

Nietzsche começa por recuar no tempo e a imaginar a existência do homem bem antes da convenção, quando do início do desenvolvimento da memória, ao convergir às forças principais do intelecto para a dissimulação, preocupados apenas em manter as exigências do convívio social, na mais antiga e mais originária das relações pessoais, o homem se designou como estimador de si mesmo, privilegiando o instinto de conservação em detrimento da vida, surgindo daí, a idéia de conflito entre vida, linguagem e conhecimento. Nietzsche tece uma perspectiva de interpretação que funde o fio condutor mais efetivo para suas investigações, formulando assim, um procedimento genealógico para investigar como se forma a psicologia humana que orienta todo o agir e pensar. A vida assevera Nietzsche, é vontade de potência, "não existe nenhum ser sob o fazer"; a ação é tudo, por isso, impõe-se inscrever juntamente origem e história, por que os sentimentos morais surgem, modificam-se e, por vezes, desaparecem. Para Nietzsche, a psicologia deve estar estritamente liga à história. Concebendo-a dessa maneira, procura romper com o esquema dualista sujeito-objeto, subjetividade-objetividade, mente-corpo, procurando mostrar, com isso, uma visão do todo, pois considera a história criação do homem. A fórmula nietzschiana para uma nova experiência com o ser e o pensar é a transmutação, no sentido de afirmação da vida; a vida, não é uma representação da linguagem, é o fio condutor do conhecimento. Por outro lado, Derrida (1991, p. 127) fala sobre a relação entre sensível e inteligível e a articulação da linguagem às representações.

> [...] Esta relação fônica entre sensível e inteligível, o real e o ideal etc. determina-se aqui como relação da expressividade entre um dentro e um fora. A linguagem de som, a fala,

> portanto o dentro para fora, não o abandona [...] Guardando o dentro em si no mesmo momento em que o emite para fora, ela é por excelência o que confere a existência (Dasein) à representação interior, faz existir o conceito (o significado). Mas, ao mesmo tempo, enquanto interioriza e temporaliza o Dasein, dado da intuição sensível – espacial, a linguagem eleva a própria existência, a superar na sua verdade e produz, assim, uma espécie de promoção da presença. Faz passar da existência sensível à existência representativa ou intelectual, à existência do conceito. Tal passagem é precisamente o momento da articulação que transforma o som em voz e o ruído em linguagem [...] articulando-se em seguida para as representações.

O pressuposto fundamental da interpretação nietzschiana é a articulação da linguagem do som como movimento de idealização que se desenvolve no campo espacial, imediato, onde toma os signos e os produz como memória viva. A história, que é sempre história do imaginário humano, segundo Nietzsche, a voz do homem ressoa a partir de seu próprio sentimento, uma história estabelecida pelos inventores da linguagem. Fazendo uma ponte entre Nietzsche e Rousseau, podemos refletir sobre o que ele propunha-nos, desde o primeiro capítulo do *Ensaio sobre a origem das línguas*, uma teoria geral dos signos ordenada segundo a sensibilidade que fornecem diversos meios de comunicar os nossos pensamentos. A linguagem encontra-se ligada a um domínio bem definido do conjunto dos fatos humanos. Para Rousseau (1978, p. 159) a palavra é a "primeira instituição social", não é, pois, possível fazer uma genealogia senão estudá-la à origem e estrutura do desenvolvimento da sociedade. Tanto Rousseau, quanto Nietzsche, fazem da linguagem um ramo da psicologia social que altera, debilita e entrava a liberdade e a vida, porque "a primeira invenção das palavras", afirma Rousseau, "não provém das necessidades, mas das paixões" (ROUSSEAU, 1978, p. 163). No procedimento genealógico, Nietzsche insiste em apontá-la, enquanto domínio específico do saber, preservando experiências coletivas, formadora de um modelo de memória, depositária passiva da impossibilidade de esquecer o passado, transmutada numa memória da vontade.

> [...] Nietzsche é sem dúvida mais violento e mais explicito do qualquer outro, [...] determina como libertação (ou liberdade do pensamento) o movimento pelo qual finalmente se é libertado da linguagem e da gramática. [...] "A lógica é apenas a escravatura nas peias da linguagem. [...] Esta (a língua) têm, no entanto nela um elemento ilógico, a metáfora. A primeira força opera [...] uma identificação do não-idêntico. É aí que repousa a existência dos conceitos, das formas etc. [...] Com um objetivo diferente, Nietzsche deve recorrer a um argumento análogo: 'É apenas graças à sua capacidade de esquecimento [...] que o homem pode chegar a acreditar que possui uma verdade (DERRIDA, 1991, p. 216).

A memória da vontade permanece e mesmo que novas e diferentes experiências venham interpor-se, a memória da vontade mantém a cadeia que liga o elo entre o querer e o ato, e o previsível, constante e necessário não desaparecem, ela preserva o hábito, a utilidade e o esquecimento. Para Nietzsche, a memória não se desfaz das lembranças do passado, incapaz da esquecer, trabalha em um circuito fechado, estanca o poder de criação. Assim como se faz necessário o processo de nutrição física, assimilação pelo corpo, o esquecimento, assimilação psíquica, se faz necessário para a digestão de todas as experiências. O esquecimento forneceria a solução para as dificuldades presente, desvelaria os problemas da conduta humana.

> Tomando por modelo a memória humana, imporia o ponto de vista dos ressentidos; procurando fortalecer o 'espírito gregário', seria sintoma de 'depuração da vida'. É a esta maneira de concebê-la que Nietzsche se refere quando escreve: 'Esse sentido histórico, que nós [...] reivindicamos como nossa especialidade [...] que conhece esse sentido como sexto sentido [...] A estreita ligação entre história e psicologia parece transmutar-se [...] entre genealogia e história (MORTON, 2000, p. 88).

Apoiado nos exemplos fornecidos pela história filológica, Nietzsche instaura o procedimento genealógico e, ao propor-se criticar as questões psicológicas, detêm-se no exame da questão do saber, a partir do ponto de vista etimológico das designações das palavras, significações e transformações de conceitos, visto que os concebe, valores demasiado humanos se impõem examiná-los desde sua origem. Para Nietzsche, a psicologia trata de avaliar as avaliações e a morfologia se ocupa com o desenvolvimento da vontade de potência; ela tem de empenhar-se em investigar a origem e transformações da vida. É por isso que Nietzsche pensa a vida constituída de forças que interagem organizando e desintegrando, e, portanto, define como tarefa, entender os juízos enquanto sintomas e sinais de linguagem e não processos psicofísicos. Os homens estariam habituados a certa maneira de pensar e agir, elas acabariam consolidados e seriam respeitadas de forma absoluta, não admitindo questionamento ou dúvida. A linguagem estaria ligada à necessidade de domesticação, condicionando o homem a acreditar que age e pensa livremente. O caráter intransigente da linguagem é que ela plasma a mente do homem uma consciência coletiva, e as coerções impostas por igualação do não-igual, depois de encontrar forma firme na memória da vontade, estabelecem a verdade dos acontecimentos nas funções da linguagem.

> A história inteira de uma coisa, de um órgão, de um uso, pode ser, dessa forma, uma continuada série de signos de sempre novas interpretações e ajustamentos, cujas causas mesmas não precisam estar em conexão entre si, mas, antes, em certas circunstâncias, se seguem e se revezam de um modo meramente contingente (NIETZSCHE, 1983, p. 308).

Com vistas à problemática da convenção de signos é oportuno acrescentar o seguinte argumento:

> A linguagem, enquanto centrada na representação e cognição, não apreende o fluxo e o transmuda em fixidez [...] na ótica nietzschiana, ela permite justamente certa homogeneização, salvaguardando o entender e o compreender [...] mas Nietzsche ressalta e distingue o significar um e o ser um, apontando às convenções de signos que transmudam o significar em um fixar, o que resultaria em uma falsificação (AZEREDO, 2002, p. 76).

Nietzsche pergunta-se "o que é uma palavra?" para responder que é uma "metáfora". O que é o sujeito? Precisamente uma "ficção" construída por necessidades da vida, simplifica o múltiplo a um esquema linguístico que consiste em atribuir a uma ação um agente. O hábito gramatical do pensar ou do conhecer aparece como a mediação primária para o acesso ao mundo. Nietzsche duvidou do fundamento da linguagem, significa dizer que, a história, o mundo, o saber, a existência estão articulados pela linguagem. Por isso, a velha idéia do "livro do mundo" renasce no pensamento de Nietzsche, a partir da interpretação hermenêutica em um sentido histórico-cultural, escrito pelas experiências dos homens que atravessa o corpo, ou seja, a vivência orgânica faz-se palavras no processo de identificação com o mundo e efetiva a existência, equivale dizer: e a carne se faz verbo. Para Nietzsche, o intelecto "alheio ao tempo e à dor", na medida em que o pensamento assimila as vivências corporais, todo pensamento tem origem no corpo, e, assevera:

> Não temos a liberdade de separar entre alma e corpo [...] e muito menos ainda temos a liberdade de separar entre alma e espírito [...] temos constantemente de parir nossos pensamentos de nossa dor e maternalmente transmitir-lhes tudo o que temos em nós de sangue, coração, fogo, prazer, paixão, tormento, consciência, destino, fatalidade (NIETZSCHE, 1983, p. 190-191).

Nietzsche tem suas razões para rechaçar, a partir de sua particular visão de mundo, as articulações da linguagem, pois ela se faz soberana e salta fora da realidade, são metáforas que obscurece o sentido da página da vida.

> Ler num conceito a história escondida de uma metáfora é privilegiar a diacronia, a expensas do sistema e apostar nesta concepção simbolista da linguagem [...] a ligação do significante ao significado deve ser e deve permanecer, ainda que escondida, uma ligação de necessidade natural, de participação analógica, de semelhança [...] identificar o terreno histórico-problemático sobre o qual se pode perguntar [...] a história de uma metáfora não teria essencialmente o caminho de um deslocamento, com rupturas, reinscrições num sistema heterogêneo, mutações, desvios sem origem, mas o de uma

> erosão progressiva, de uma perda [...] de um esgotamento ininterrupto do sentido primitivo (DERRIDA, 1991, p. 255).

A oposição de Nietzsche ao mundo sensível, Deus, alma, etc., é uma evasão à má compreensão, ao poder criador e inventivo do homem. Neste sentido, seu pensamento fundador e genealógico, coloca-se frente à invenção grosseira da linguagem, a essência verdadeira das coisas é uma invenção do homem que representa as coisas, sem esta invenção o homem não poderia representar-se nada, porque o mundo que nos diz respeito é o mundo mutável, transitório, aparente, contingente, mas como o homem acredita na gramática, projeta sua noção de mundo ideal por trás do vir-a-ser. É importante superar o ensino mecânico das línguas, conclui Nietzsche, a linguagem ao exceder os limites do que é real, inventa conceitos para dizer o não dito. Embora não possa explicitar o que há no não dito das coisas, o conjunto de nomes que figuram os fatos supõe reproduzir de modo exato o que o fato representa. A linguagem mantém contato direto com a realidade do objeto, desconhece seu princípio de existencialidade, não pode expor concepção de mundo, substância, fatos, coisas, etc., pois deriva da concepção que o homem tem de mundo, sua verdade, elemento lógico e convencional. Assim, a linguagem funda-se em razões lógicas, não ontológicas ou físicas. O homem desconhece o fundamento antropológico da linguagem.

> Em seus escritos, Nietzsche parece tratar dos processos básicos da vida, às vezes, o ponto de vista da fisiologia e, outras, o da psicologia. Mas a aparente oscilação que manifesta entre essas abordagens é uma tentativa calculada de pôr uma contra a outra, de forma a enriquecê-las e ao mesmo tempo ultrapassá-las [...] a vida não consiste na existência de moléculas, cuja natureza se mostra nas estruturas anatômicas; tampouco na emergência e ação recíproca de impulsos [...] a vida é constituída por forças que interagem, criando diversas configurações e assumindo várias formas de coordenação e conflito, organização e desintegração; deve-se, pois, examiná-la tanto a partir da analise psicológica quanto da observação fisiológica [...] É por isso que define como tarefa a 'tentativa de entender os juízos morais enquanto sintomas e sinais de linguagem, em que se revelam processos de sucesso ou fracasso fisiológico, assim como a consciência das condições de sobrevivência e crescimento (MARTON, 2000, p. 99).

Segundo Marton (2000, p. 99), Nietzsche apóia-se nos "processos básicos da vida". Adotando, "às vezes, o ponto de vista da fisiologia e, em outras, o da psicologia". Para a autora, a aparente oscilação entre fisiologia e psicologia é uma tentativa de contrapô-las para ultrapassá-las e, assim, definir que tudo o que é e foi convencionado, se torna para o homem um meio, instrumento, martelo; seu conhecer é criar, seu criar é convencionar, uma formulação do hábito gramatical, onde a convenção traz implícita a vontade de verdade.

2.3 O caráter metafórico da verdade

Nietzsche, ao pretender operar uma inversão na maneira tradicional de conceber as coisas no mundo, por ex., quando utiliza o sentido irônico "somente por esquecimento pode o homem alguma vez chegar a supor que possui uma verdade" (NIETZSCHE, 1983, p. 47), está fazendo uma crítica contra a força persuasiva do hábito, pois encara nosso agir como consequência de nossa vontade, e nossa verdade, consequência de nosso esquecimento. No entender do autor, tudo o que o homem pensa acerca de si mesmo e do mundo segue o rumo da linguagem que ele fala, diríamos que para Nietzsche a linguagem pertence, por sua origem, ao tempo da mais rudimentar forma de psicologia. Quando trazemos à consciência as pressuposições da linguagem, afirma; "entramos em um grosseiro fetichismo". O objeto lógico nada mais é do que uma reformulação abstrata da noção da coisa, "nossa crença nas coisas é o pressuposto de nossa crença na lógica", uma ficção subjetiva, e o que o homem pensa a respeito de si e do mundo já estaria incutido pela linguagem, "alguma superstição popular de um tempo imemorial [...] talvez algum jogo de palavras, alguma sedução por parte da gramática, ou temerária generalização de fatos muito estreitos, muito pessoal, demasiado humanos" (NIETZSCHE, 1992, p. 7). Na perspectiva nietzschiana, são as palavras que possibilitam o tomar-consciência-de-si do pensamento. A vontade de potência se exerce no querer, nela já se acham embutidos o sentir e o pensar, o pensamento está disseminado por todo o corpo, um meio de comunicação que sintetiza a sensibilidade.

> O que, em nós, aspira realmente 'à verdade'? – De fato, por longo tempo nos detivemos ante a questão da origem dessa vontade. Certo, queremos a verdade: mas por que não, de preferência, a inverdade? Ou a incerteza? Ou mesmo a insciência? – O problema do valor da verdade apresentou-se à nossa frente – ou fomos nós a nos apresentar diante dele? [...] Como poderia algo nascer do seu oposto? Por exemplo, a verdade do erro? Ou a vontade de verdade da vontade de engano? [...] Semelhante gênese é impossível [...] as coisas de valor deve ter uma origem que seja outra (NIETZSCHE, 1992, p. 9-10).

O momento mais "soberbo e mais mentiroso" da história foi à invenção do conhecimento. Assim, alguém ao inventar "estimativas de valor sobre o próprio conhecer, seu efeito mais geral é o engano. O intelecto, como um meio para a conservação do individuo, desdobra suas forças [...] no disfarce" (NIETZSCHE, 1983, p. 45). O intelecto é capaz de associar ao conhecer e sentir formas que não conduz à verdade, mas, imerso em ilusões e imagens, contenta-se em receber estímulos. "Exilado e trancado em uma consciência orgulhosa [...] repousa o homem, na

indiferença do não-saber" (NIETZSCHE, 1983, p. 46). "O que sabe propriamente o homem sobre si mesmo?", indaga Nietzsche. De onde viria o impulso à verdade? Enquanto o homem, em contraposição a outros homens, quer conservar-se, ele usa o intelecto para representar, porque o homem, por necessidade e medo, precisa de um acordo.

> [...] Uma designação uniformemente válida e obrigatória das coisas, e a legislação da linguagem dá também as primeiras leis da verdade: pois surge aqui pela primeira vez o contraste entre verdade e mentira. O mentiroso usa as designações válidas, as palavras, para fazer aparecer o não-efetivo como efetivo. [...] Ele faz mau uso das firmes convenções por meio de trocas arbitrárias ou mesmo inversões de nomes" (NIETZSCHE, 1983, p. 46).

O que é verdade? Nietzsche responde: metáforas! O homem "acredita saber algo das coisas mesmas [...], no entanto não possuímos nada mais do que metáforas das coisas, que de nenhum modo correspondem às entidades de origem" (NIETZSCHE, 1983, p. 47); experiências humanas, que foram enfatizadas pelo hábito. A realidade que, por trás do mundo não pode ser dita é mostrada a partir do caráter provisório do "pensamento [...] guiado e colocado em certas trilhas pelos seus instintos. Por trás de toda lógica e de sua aparente soberania de movimento existem [...] exigências fisiológicas para a preservação [...] de seres como nós" (NIETZSCHE, 1992, p. 11); é talvez nesse ponto que nossa linguagem soa mais estranha. Em que mediada ela conserva a verdade? Para Nietzsche, o homem que se apega a juízos falsos equivale negar a vida, reconhecer a inverdade como condição de vida. Para Nietzsche, a pressuposição contradiz a fórmula entre pensável e dizível. Viver conforme a vida não é avaliar, mas avaliar em conformidade com o pensável e dizível, de modo que, para Nietzsche há ambiguidade entre pensar e falar.

Partindo dos enunciados sobre fatos generalizados através da suposição, o homem se ocupa das idéias de seu racionalismo para distinguir entre achar e inventar, nega a vida. Segundo Mosé (2005, p. 71-72), para Nietzsche, é improcedente que o homem negue a vida ao construir teorias para definir e estabelecer critérios e inferências linguísticas, a partir da "certeza imediata, assim como conhecimento absoluto e coisa em si [...] deveríamos nos livrar, de uma vez por todas, da sedução das palavras!" (NIETZSCHE, 1992, p. 22).

> [...] Nietzsche busca desautorizar em sua genealogia: não são as verdades que devem ser colocadas em questão, mas o próprio valor da verdade. [...] Nietzsche vai tratar do problema da verdade a partir de uma consideração sobre a linguagem, [...] chamando a atenção para o aspecto convencional e figurativo da linguagem, [...] vai apontar para o caráter ficcional que toda a crença na verdade encerra e esconde. [...] A idéia de verdade somente manifesta a necessidade de entrar em acordo; foi essa necessidade que

> determinou a relação que o homem estabeleceu com a palavra. [...] É avaliação da palavra, como unidade mínima de significação, que a reflexão de Nietzsche sobre a linguagem tem como alvo. [...] O que é a palavra, pergunta ele, o que são as convenções da linguagem? As designações e as coisas se coincidem? (MOSÉ, 2005, p. 71-72).

A crítica nietzschiana perfilou objeções ao absolutismo racionalista do sistema. A dura posição contra a característica abstrata da lógica ressalta, de certo modo, o amontoado de sistemas desconexos do erro do passado, como proposta na procura de uma verdade mais elevada. O conceito é propriedade do pensamento do homem que se põe a abstrair o que pressupõe para progredir ao conhecimento. Esta crítica indica que, a manipulação de conceitos abstratos da coisa em si é o nada, assim, o conceito e o nada são expressões diferentes para uma e a mesma coisa: ligação de palavras!

À vontade de memória, é um modo particular de pensar, um pensar como impulso necessário na busca da preservação; vontade que impõe e se reflete a partir da ação do pensamento sobre si mesmo, toda a diferença exterior a ele. Saltar à abstração do vazio significa fuga da realidade. Portanto, saltando à abstração do vazio, o pensamento ligado à linguagem, reduz a símbolos o êxito humano. Nietzsche deixa claro que o enfoque da construção do conhecimento é mais um adivinhar por hipóteses, uma rede de conjecturas, um conhecimento determinado, limitado e fatídico:

> A verdade é um tipo de invenção, de convenção que rejeita sua origem, um signo que 'esqueceu' que é signo, 'moedas que perderam seu cunho'. A verdade é uma ficção que o esquecimento elevou à categoria de 'valores eternos. É sempre tendo em vista a utilidade que alguma afirmação é elevada à categoria de verdade. O que o homem de fato quer não é a verdade, mas as conseqüências que ela pode proporcionar. Uma verdade, em si mesma, não interessa a ninguém. Mesmo o homem da ciência não se interessa pelo conhecimento verdadeiro. O que a ciência quer não é conhecer, é esquematizar para controlar, para prever (MOSÉ, 2005, p. 82).

Como valorizar a verdade que se adapta aos critérios estabelecidos pela significação? O pseudoproblema do conhecimento, a partir da estrutura linguística não contribui para mostrar o saber das certezas últimas, mas faz conjecturas de modelos hipotéticos com os quais interpreta a própria concepção sensível, assim, a linguagem, embora tenha valor heurístico, é inverificável. O discurso inverificável acerca do conhecimento carece de conteúdo, de modo que, é absurdo afirmar o não verificável. O homem erra, contudo, ao reduzir as asserções do dizer discursivo, esquece, todavia, que a linguagem é função da existência humana. Todo discurso é discurso de alguém numa determinada situação concreta. Para atingir a genealogia da linguagem, é preciso

pô-la em estreita relação e correlação com a análise da existência humana nela expressa. Neste ponto, emerge a origem da existência!

A interpretação antropológica da linguagem é uma redução antropológica; nega a linguagem para afirmar a vida, somente à vida. Não há liberdade da vida sem negação da linguagem. A linguagem é expressão e causa da negação da vida. O conhecimento que o homem tem do mundo é apenas autoconhecimento de sua relação com o mundo, desconhece sua essência de vida. Na relação de conhecimento entre o homem e o mundo, só existe a necessidade do homem e sua relação com a natureza e nada mais. A linguagem orienta o homem apenas ao reflexo de sua realidade, e o instinto dá o ser ou a essência imediatamente idêntica com a existência. Daí, Nietzsche infere que a razão é objeto dos sentidos em sua realidade concreta, provêm do pensamento em relação com o ser, porém, o pensamento não alcança a verdade do ser. Para alcançar o abstrato da realidade sensível, a essência da existência, a representação sensível deve reportar-se ao primeiro pensamento instintivo; depois a razão, e por fim o homem.

Ao propor a transvaloração de todos os valores, coloca o instinto como imediato a essência e a razão como imediata ao homem. Seu método de indagação e crítica pode ser chamado de método genético-linguístico: pergunta como e de onde surge a linguagem como princípio racional? Segundo Nietzsche, a origem da linguagem funda-se na diferença entre homens; na consciência do homem diante de seu igual. Entretanto, a diferença entre os homens consiste na consciência e no reflexo de sua própria espécie. Uma consciência que converte em objeto sua realidade, ou seja, o homem cria sua realidade e converte-se em objeto de sua criação. Assim, a diferença entre os homens funda o comportamento do homem perante seu objeto, o mundo.

> Nós, homens do conhecimento, não nos conhecemos; de nos mesmos somos desconhecidos – e não sem motivo. Nunca nos procuramos: como poderia acontecer que um dia nos encontrássemos? Com razão alguém disse: “onde estiver teu tesouro, estará também teu coração”. Nosso coração está onde estão as colméias do nosso conhecimento. Estamos sempre a caminho delas, sendo por natureza criaturas aladas e coletoras do mel do espírito, tendo no coração apenas um propósito – levar algo “para casa”. Quando ao mais, as chamadas “vivências”, qual de nós pode levá-las a sério? Ou ter tempo para elas? Nas experiências presentes, receio, estamos sendo “ausentes: nelas não temos nosso coração – para elas não temos ouvidos. Antes, como alguém divinamente disperso e imerso em si, a quem os sinos acabam de estrondear no ouvido as doze batidas do meio-dia, e subido acorda e se pergunta “o que foi que soou? Também nós por vezes abrimos depois os ouvidos e perguntamos surpresos e perplexos inteiramente, “o que foi que vivemos?”, e também “quem somos realmente?”, e em seguida contamos, depois, como disse, as doze vibrantes batidas de nossa vivência, da nossa vida, nosso ser – ah! E contamos errado... Pois continuamos necessariamente estranhos a nós mesmos, não nos compreendemos, temos que nos mal-entender, a nós se

> aplicará para sempre a frase: “Cada qual é o mais distante de si mesmo” – para nós somos “homens do conhecimento” (NIETZSCHE, 2003, p. 7-8).

A linguagem é o resultado do comportamento do homem perante seu igual e a natureza, temos ai à utilidade, o esquecimento, o hábito e por fim o erro. Nisso está sua verdade! Por outro lado, a falsidade da linguagem está em o homem tornar-se independente de seu instinto, separando-o e opondo-o como diferente de si. Desse prólogo, Nietzsche propõe-se à inversão de todos os valores reduzindo a razão à antropologia, para mostrar que todos os artifícios atribuídos à linguagem se referem aos homens que “tomaram para si o direito de criar valores, cunhar nomes para os valores: que lhes importava a utilidade! Esse ponto de vista da utilidade é o mais estranho e inadequado” (NIETZSCHE, 2003 p. 19). Estranho e inadequado, onde os juízos de valores definido pelo homem ao projetar a idealização de suas qualidades próprias em um mundo duradouro e dominante, neste caso, o homem experimenta sua facticidade existencial distante do que deve ser eis a origem da oposição.

> O direito [...] de dar nomes vai tão longe, que nos permitirmos conceber a própria origem da linguagem como expressão de poder [...] eles dizem “isto é isto”, marcam cada coisa e acontecimento com um som, como que apropriando-se assim das coisas [...] já em princípio a palavra [...] não é ligada necessariamente a ações [...] é somente com um declínio dos juízos de valores [...] se impõe mais e mais à consciência humana (NIETZSCHE, 2003, p. 19).

Com isso, no pensamento de Nietzsche, emerge a tensão entre o instinto e a razão. A razão nasce, onde o homem negar sua essência como separada de si. Assim, o mundo é projeção daquilo que o homem deseja que seja. Nada mais! Nesta perspectiva, o homem afirma a razão, nega a vida. “Essa postura leva [...] a um desprezo à vida. [...] A vida acaba sendo concebida como uma grande enfermidade (ZAMPIERI, 2006, p. 54). O homem converte-se no ser supremo e consegue satisfazer todas as necessidades. Pela imaginação cria o que projeta, isto é, projeta apenas o reflexo que faz de si mesmo para caminhar com segurança. O saber humano, como reflexo no espelho, mostra o que o homem percebe: uma imagem destorcida e ilusória de si mesmo! Eis a origem da linguagem: um modo distorcido e ilusório de interpretar fenômenos da natureza e existência. Por isso, as propriedades do conhecimento, o princípio, donde provém, são propriedades do homem. E a intelectualidade é a divisão do homem consigo mesmo, tanto no sentido subjetivo, como no sentido objetivo. Pois nela se dá e acontece a interpretação da existência e do mundo à luz da imaginação. Quando o homem se diz inteligente, é projeção da

razão humana ligada à linguagem que objetiva a inteligência a partir da vontade de verdade. Pensamento e linguagem, conhecimento e interpretação se interpenetram de tal modo que não se pode distinguir o ser e o realizar-se.

3 CORPO, PENSAMENTO E LINGUAGEM

O pensamento crítico de Nietzsche que buscamos interpretar aqui tem como finalidade repensarmos a relação racional e consciente em detrimento do instintivo, do problema do círculo vicioso do pensamento a partir dos códigos de linguagem; da idéia de uma identidade do homem; da formulação dos princípios lógicos e sustentação dos valores conceituais. A dubiedade da palavra penetra o corpo, pensamento e consciência? Considerando que para Nietzsche a imaginação provoca um efeito danoso à vida, e, este efeito, é um transposto inventado, contrário ao impulso natural, perseguiremos a intenção do autor que aponta a existência como vontade de vida, campo de forças onde a vida orgânica se dá por um movimento de multiplicidade das partes sob e em todo corpo. Não há unidade nem identidade no eu. O homem sobrejacente ao nome, sua identidade existe na linguagem. É a linguagem que permite a construção de sujeitos, coisa e valores. Neste capítulo *Corpo, pensamento e linguagem* discutiremos o problema específico do pensamento em relação à corporificação da vida, como devir e campo de batalha dos instintos. As questões que nos propusemos trabalhar neste capítulo são as seguintes: em *Pensamento e linguagem*, falamos sobre a ascensão da razão como lugar da idéia, pensamento, consciência e inteligibilidade; *Instinto, linguagem e razão,* apontam o falso, o simulacro, o domínio da representação a partir da força da visão; *Linguagem e consciência* explicitam a sensibilidade que deixa embotado o olhar ante a impressão da imagem, metáfora e conceitos preso ao inconsciente.

3. 1 Pensamento e linguagem

Seguindo o argumento de Nietzsche (1983, p. 45) em *Sobre verdade e mentira* de que "o intelecto, como um meio para a conservação do indivíduo, desdobra suas forças mestras no disfarce", e, diante do imensurável e abstrato conhecimento, "quão sem finalidade permanece", pretendemos investigar a distinção entre corpo, pensamento e linguagem para entendermos a finalidade do intelecto humano. Há uma espécie de abismo que se apresenta entre a estrutura do intelecto e a constituição da linguagem. Esse abismo é pensado por Nietzsche como um vazio que o envolve, tornando-o insuficiente se não fosse o som articulado pela palavra, transposto ao mero

eco, instalar-se nele como autoconsciência primária e indireta. Segundo Nietzsche (1983, p. 45), "não há para aquele intelecto nenhuma missão mais vasta, que conduzisse além da vida humana. Ao contrário, ele é humano, e somente seu possuidor [...] o toma tão pateticamente, como se os gonzos do mundo girassem nele". O intelecto é um meio para a conservação do processo orgânico. O que há nele, entretanto, é essa autoconsciência originária, esse modo do homem sentir o mundo, esse hábito de resvalar "às tontas pela superfície das coisas e vê 'formas'", para expressar, através da linguagem o que sente. O sentido, o ouvido, o lido e o dito penetram no intelecto que está pronto para receber o súbito, o imediato. "Exilado e trancado em uma consciência orgulhosa", espreita esse imediato do "cubículo da consciência". Para Nietzsche, o intelecto abre-se à dimensão da realidade a partir do sentido específico e imediato da ligação entre sentir, pensar e falar. Equivale dizer que, o intelecto carregado de interpretações, encontra-se enrodilhado à linguagem. Para "o formador da linguagem", afirma Nietzsche (1983, p. 47), basta "um estímulo nervoso [...] transposto em imagem!" Surge a primeira metáfora. Essa imagem ao penetrar o intelecto imprime-lhe um som! Segunda metáfora. Assim, sucessivamente, a imagem modela-se em som. No intelecto, "não possuímos nada mais do que metáforas das coisas", afirma Nietzsche (1983, p. 48), o que conhecemos "não provém da essência das coisas", mas da vontade de potência, desse sentimento de estar abrigado, protegido. Justamente por essa inconsciência da própria vida, por esse hábito do esquecimento, o homem designa nome às coisas e sente-se despertado à verdade.

> [...] O homem demonstra a si mesmo o que há de honrado, digno de confiança e útil na verdade. Coloca agora seu agir como ser 'racional' sob a regência abstrata; [...] arrastado pelas impressões [...] intuições [...] Tudo o que destaca o homem do animal depende dessa aptidão de liquefazer a metáfora intuitiva em um esquema, portanto de dissolver uma imagem em um conceito [...] um estímulo nervoso em imagem (NIETZSCHE, 1983, p. 49).

O intelecto, enredado às impressões súbitas tece a "teia rígida e regular do conceito", silenciando-os à força de seu sentimento mais originário, os faz inviolável, um consequente modo de conhecer que o caracteriza ancorado à razão, apto às novas interpretações. O intelecto formula o que o homem sente, pensa e articula em palavras, sua íntima transmutação orgânica. Um sentimento envolto em pensamento e linguagem, oculto no silêncio dos signos no intuído de decifrar a força da vida em todo corpo. O homem ao pretender representar o mundo, apreende-o a partir da força orgânica, e, através do intelecto, produz uma forma de pensar, pressupondo poder

avaliar limites no mundo dos fenômenos. Recorrendo à intuição sensível, emaranhado a ela, imagina-se depositário de todos os segredos e conhecimentos possíveis. O eco dos "jogos de palavras [...] de fatos muito estreitos, muito pessoais, demasiado humanos" (NIETZSCHE, 1992, p. 7) é uma confrontação direta do pensamento com as coisas. Assim, os fenômenos tornaram-se signos que abrem linhas de sentido plurais e a linguagem utilizada desdobra-se, por vezes, enquanto máscaras, onde o homem como espectador assiste e atua. Segundo Nietzsche (1992, p. 12), atuar como espectador da vida, "equivale a renunciar à vida, negar a vida. Reconhecer a inverdade como condição de vida".

> O intelecto, esse mestre do disfarce [...] Ele copia a vida humana, mas a toma como boa coisa e parece dar-se por bem satisfeito com ela. Aquele descomunal arcabouço e travejamento dos conceitos, ao qual o homem indigente se agarra, salvando-se assim ao logo da vida, é para o intelecto [...] somente um andaime e um joguete para seus mais audazes artifícios (NIETZSCHE, 1983, p. 51).

O mundo refletido em conceitos é o mundo pensado e codificado em linguagem, entrelaçado em intuição imediata. Corporificando-se a vontade a partir da linguagem, o instinto é negado pela razão! Neste sistema de valor de conhecimento, a vontade precisa sempre se proteger e o entendimento é precisamente o instrumento que adestra os sentidos e conserva a vontade. Entretanto, o intelecto encontra em cada imagem e palavra sua própria nutrição, pois imagem e palavra não caminham separadas. Assim, a total ausência de consciência do mundo das coisas permanece enredada entre o entendimento e os sentidos: o dar-se imediato da imagem ao intelecto é estranho à consciência! Este espanto que toca o homem e o deixa enredado em pensamentos valorativos, é uma retração crescente até o esquecimento da vida O intelecto enquanto tal vincula a imagem à palavra e rompe o silêncio do ser. O homem fala por não suportar o silêncio de sua realidade existencial. Na interpretação de Nietzsche, o silêncio do pensamento é rompido pela experiência originária do som. O propósito do som, em forma de verbo é falar o desempenho da criatividade do pensamento, é comunicar o silêncio a partir da fala. A pretensão do "dizer algo" traz consigo a necessidade de se tornar inteligível, e com isto, o pensamento é decadência em relação à palavra falada, pois, transforma a existência humana em dependência sentida, onde a razão dita à finalidade da vida.

Embora, de modo diferente do "devir", a linguagem e o pensamento, como experiência humana exige conquista na totalidade das realizações imposta pelo desejo originário, tecendo elos entre seu realizar-se e sua construção histórica de mundo, por que a linguagem é originária do

silêncio do pensamento! Só o pensamento dá a linguagem, só a linguagem dá a palavra, e, com a palavra, o mascaramento imposto às próprias coisas, onde o-ser e o-não-ser são ficções do demasiado humano enquanto ato.

> Nietzsche pensa o ser enquanto ser e não enquanto valor. Se o ser fosse apenas valor, como é que a vontade de poder enquanto valor poderia um dia instaurar valores? Na verdade, Nietzsche interpreta o ser a cada vez como valor; tanto ao tê-lo em vista no sentido do asseguramento da subsistência no interior da vontade de poder, e, para esta, quanto ao pensá-lo de maneira mais universal [...] do 'devir'. [...] Avaliemos o ser mesmo! Mas a própria avaliação é ainda este ser! E, à medida que dizemos não, continuamos sempre a fazer o que somos [...] O 'ser mesmo' significa aqui: o ente de acordo com o ser [...] 'Avaliar o ser mesmo, isto é, repudiar depreciativamente o ente enquanto tal, não tem sentido algum. Esse ato vai contra o sentido dessa ação: uma vez que a sua efetivação traz o ente ao ser (HEIDEGGER, 2000, p. 214-215).

Segundo Heidegger, "o-ser e o-não-ser" está relacionado ao problema de a palavra não explicitar o que foi e para o que vem a ser. Nietzsche compreende o ente enquanto presente, afirma Heidegger (2000, p. 216), "o imaginário enquanto ser é um valor necessário. O 'ser' não possui nenhuma realidade. Real é apenas o que devém". Nietzsche utiliza o enunciado "ser" para designar o nome "existência". A existência é o todo do ente sob a significação de ser. O que é o todo da existência? Nietzsche responde: o mundo! Ele não pensa o ser a partir do ser mesmo. Em sua metafísica da linguagem o ser enquanto ser é excluído! Ser na linguagem nietzschiana designa ente, entendido no sentido presente. Ele pensa o ser em função não como existência, mas como o existente tudo o que devém e atua. "Ser" e "Não-ser" é interpretado por Nietzsche no sentido de movimento constante, pulsão. Sendo assim, ser, existência, conhecimento, etc., é apenas um vazio do pensamento transposto para a linguagem que, segundo Nietzsche, mescla-se e acontece à subordinação do homem à realidade que supõe conhecer, mas não conhece.

Em *Nietzsche: metafísica e niilismo*, Heidegger (2000, p. 112) afirma que "é preciso os dois", Nietzsche e Heráclito, "para o interior de outra combinação e em contrapartida à oposição que se tornou corrente a partir do próprio Nietzsche, segundo o qual ambos ensinam que o ser 'é' o 'devir'". Heidegger parece afirmar como prioritário o processo ontológico do devir suprimido pela linguagem ao irromper do vigor do pensamento, como uma forma de retraimento da realidade que, ao remeter às realizações do real, cala o devir, nega a vida para afirmar o valor das coisas. A cunhagem conceitual, a linguagem e o modo de sua representação, carregam uma visão de mundo, conteúdos e finalidades sobrecarregada de níveis de niilismos, uma contradição do pensamento humano, demasiado humano! O essencial à vida repousa sobre a ausência de

conteúdo dessas pressuposições e o que se estende às repetições, ao vazio, onde se afigura tanto a presença como a ausência das coisas. O que é o niilismo? A visão cansada do homem, afirma Nietzsche (1998, p. 36), "estamos cansados do homem, sob a sedução da linguagem e dos erros fundamentados da razão". Esses erros, Segundo Nietzsche (1998, p. 36), "petrificam o pensamento e não deixa de ser o nada da realidade em toda a realização de qualquer real [...] Não existe ser por detrás do fazer, do atuar, do devir; o agente é uma ficção acrescentada à ação".

> A 'visão de mundo' torna o mundo 'imagem' para o homem que experimenta a si mesmo. A 'vivência' enquanto ratificação do 'vivente'. O vivente buscado na 'vida'. A 'vida' é pensada confusamente como uma mistura universal de 'natureza e história'. Daí provém o predomínio da 'biologia' e da 'psicologia', assim como seu revolvimento no mingau da 'antropologia', à qual se deixa corresponder a 'vida do todo'. [...] Procura-se o vivente na 'vida' e não se está em condições de saber, nem sequer mesmo chegar a colocar em questão, o que é o 'vivente'. [...] A 'vida' recebe, entretanto sua interpretação oculta a partir da animalidade pouquíssima considerada (HIEDEGGER, 2000, p. 128-129).

A vida envolta sob a forma de aparência é pensada fora do seu processo de auto-superação, como organismo vivo que estabelece centros de forças ativo e mutáveis. Rejeitar o determinismo biológico do corpo e inventar um reflexo de uma entidade abstrata, imutável e teleológica desagrega o ser e a luta de impulsos por mais potência que desprenda, degenera-se. O corpo, a vida orgânica nada mais é, diz Nietzsche, do que um conjunto de impulsos. A corporeidade é concebida como vontade de poder, entretanto, a interpretação humana a faz uma ligação pensada entre instinto e razão, não explica a antropomorfia em que o corpo se encontra mergulhado. Poderíamos dizer que o corpo, sob a perspectiva nietzschiana é o ponto que se delimitam o fora e o dentro, no duplo domínio da consciência mergulhada em sentimentos abafados, em sensações construídas pelo entendimento e ocultadas nas impressões e afecções mais imediatas por trás das cavernas do corpo, a vida perdida arrancará dados cegos e mudos do entendimento. O silencioso trabalho do entendimento constrói imagens entrelaçadas às sensações, ocultando-as à consciência. A principal tarefa do intelecto é transformar as sensações em efeitos de causa. Assim, o intelecto a serviço da vontade é um nada além da vontade!

3.2 Instinto, linguagem e razão

Para Nietzsche, os processos orgânicos enquanto luta de potência por crescimento, são impulsos ou forças. A concepção dos eventos são interpretações humanas por meio de conceitos,

um jogo de forças do hábito gramatical interagindo à fala, encontra força em não saber refletir. É no silêncio do pensamento que mora a linguagem, e as palavras, grávidas de mistério do pensamento, servem como uma transição e uma passagem entre o ser e o não ser; um jogo entre o ser e o nada. À pretensão de produzir tudo, a vontade de potência permite ao homem ter e colocar a dinâmica da realização de todo o real à presença de um ter, provocando a ausência de um ser, distanciando o homem de seu destino: o entendimento penetra à razão e a vida deixa de ser vivida para ser pensada! A vida trazida à palavra é dita a partir da cogitação, do "eu pensante", na tentativa de tornar pensável e dito o que nunca é dito por palavras. Este é o caráter abismal do pensamento, delimita o real, e com isso, o instinto se retrai, propagando-se assim, o esquecimento do ser. Heidegger (2000, p. 214) afirma que, "enquanto valor [...] o ser está sob a vontade de poder, que Nietzsche também chama de 'o devir' ou 'a vida'. Não escutamos, porém, do próprio Nietzsche que a vontade de poder mais elevada é 'cunhar' o caráter do ser?" A razão distancia-se da intuição! Poderíamos dizer que não há nada subsistente, a imaginação humana representa o real! Afirma a crítica de Nietzsche que o real é apenas o que devém; o devém em seu devir é vontade de poder. Como pode o homem cunhar o seu devir? O devir está inserido à existência; a existência para Nietzsche possui sentido metafísico, sob a significação do todo da existência como o mundo, e, este mundo, é vontade de poder experimentada pelo corpo. Nada, além disso! A mais elevada vontade de poder é cunhar o caráter de ser sobre o Devir! Neste sentido, em *O nascimento da tragédia*, Nietzsche (1992, p. 85-86) fala sobre a razão lógica e a força instintiva.

> [...] a palavra mais incisiva em favor dessa nova e inaudita estimação do saber e da inteligência foi proferida por Sócrates, quando verificou que era o único a confessar a si mesmo que não sabia nada; enquanto, em suas andanças críticas através de Atenas, conversou com os maiores estadistas, oradores, poetas e artistas, deparava com a presunção do saber. Com espanto, reconheceu que todas aquelas celebridades não possuíam uma compreensão certa e segura nem sequer sobre as profissões e seguiam-nas apenas por instinto. "Apenas por instinto": por essa expressão tocamos no coração e no ponto central da tendência socrática. Com ela, o socratismo condena tanto a arte quanto a ética vigente; para onde quer que dirija o seu olhar perscrutador, avista ele a falta de compreensão e o poder da ilusão; dessa falta, infere a íntima insensatez e a detestabilidade do existente [...] o instinto é justamente a força afirmativa, e a consciência se conduz de maneira critica e dissuasora, em Sócrates é o instinto que se converte em crítico, a consciência em criador [...] aquele impulso lógico que aparece em Sócrates [...] nesse fluir desenfreado mostra ele [...] todas as forças instintivas.

Das coisas só experimentamos as sensações provindas dos sentidos, já mascarada pela percepção. Logo, o entendimento aperfeiçoa as palavras enredando-as à cadeia de conceitos. O

homem sobrepensa a vida, seu raciocínio lógico, proscrita o conhecimento imediato da essência do mundo por uma imitação mediada por conceitos. Por outro lado, a linguagem imediata da vontade, incita a enformar a existência à fala, corporificando imagem e conceito sob o influxo da idéia inerente à vida. A razão não é apenas negação, mas negação da negação que nega a vida. O que é vida? É jogo de forças móveis e transitórias. A vida é fluxo contínuo, é Devir. O cérebro nada mais faz do que indicar como pensamento à multiplicidade de todas as forças, pensa a vida com vontade orgânica. O substrato da palavra não pode esclarecer-nos de dentro para fora o seu devir. A vida é um devir sem freios, não está à mercê da força da ilusão. A vida como força orgânica é capaz de "penetrar o pensamento e a palavra [...] do querer inconsciente [...] faz desfilar ante nós imagens da vida e nos ensina a compreender com o pensamento o cerne vital nelas contido" (NIETZSCHE, 1992, p. 127). Vontade de potência é o estar presente na matéria orgânica, onde a vida se firma na existência:

> Pensar a vida como vontade de potência, é, portanto, considerar o campo de batalha onde a vida se dá, é entender a complexidade do processo que se dá como uma luta. Todo acontecimento, mesmo na vida orgânica e inorgânica, é resultado de um jogo de forças, e é a resultante deste jogo de forças que se constitui como afirmação ou negação. Se o caráter intrínseco a toda manifestação da vida é a luta, o confronto produzido por um movimento de expansão e resistência, então o que se manifesta como vida é sempre uma configuração provisória, o que significa que toda forma é a imposição de uma interpretação. Não somente não há fatos, mas apenas interpretações, como todo interpretar é propor um campo de forças, uma correlação. [...] Tudo que se manifesta como vida resulta de uma imposição que se dá como interpretação. [...] Concebida desta forma, a vida é um texto continuo, escrito infinita e ininterruptamente. O pensamento não é uma atividade unicamente intelectual, que se dá através do cérebro [...] 'todo o organismo pensa'. [...] Não é o homem quem pensa, mas a vida (MOSÉ, 2005, p. 95-98).

Não há unidade nem identidade no homem, toda identidade surge da palavra. O que funda o homem é a palavra. Existe na linguagem uma falta de identidade com a vida, um vazio esvaziado do nada, do não ser. Eis aí o problema do conhecimento, o que Nietzsche chama de falsa "cria kantiana" da coisa em si que penetra a consciência, formando um processo de assimilação psíquico, um "estado de digestão", agindo de modo multiforme. É necessário estancar os fluxos de informação à consciência, deixar o organismo com um pouco de sossego, deixar um pouco da tabula rasa da consciência ficar em harmonia e equilíbrio com o físico. O guarda ativo da ordem psíquica é o físico, mas esse aparelho é danificado e deixa de funcionar ao desenvolver em si uma faculdade oposta, uma memória empenhada em digerir palavras, assim, a descarga da vontade interposta, rompe a longa cadeia do querer. Para Nietzsche (1992, p. 65), "aquele que por seu

saber precipita a natureza no abismo da destruição há de experimentar em si próprio a desintegração da natureza". O homem, na sua própria representação, sente-se sábio, não distingue o casual do necessário, vê e antecipa coisas futuras como presente. Ao estabelecer meios e fins dá sentido à palavra como algo seguro, torna-se débil porque a palavra se contradiz no momento em que é pronunciada. Esta pretensão de conhecimento produz um efeito contrário e "o aguilhão da sabedoria se volta contra o sábio; a sabedoria é um crime contra a natureza" (NIETZSCHE, 1992, p. 65). A interpretação dada pelo homem é um substrato do pensar, um pressuposto que não dimensiona a profundidade do próprio vir-a-ser da natureza. Há no pensamento do homem uma penosa e insolúvel contradição que o coloca a olhar a realidade da existência como através de uma sombra.

3.3 Linguagem e consciência

No que se refere ao caráter de um pressuposto de valor nos escritos de Nietzsche, ao aproximar os conceitos à idéia de metáforas, recursos que utiliza como algo de fidelidade com relação à verdade, evita não incorrer no perigo de se avizinhar a uma distorção de sua própria crítica. A palavra obriga o homem a lembrar a função de uma serie de práticas, inclusive, é sim a si mesmo, um sim à encarnação do esquecimento. Não existe nada mais terrível na pré-história do homem do que a sua mnemotécnica, fica na memória apenas o que causa prazer. O segredo da vida, sombreado pelas palavras reflui dentro do homem à necessidade de criar não só uma memória, mas um intelecto, entendimento, consciência, etc. Com o sistema nervoso e intelectual hipnotizado por idéias fixas, finalmente chegou-se à razão, construção da memória, origem dos conceitos morais, etc. Com o entrelaçamento de idéias e transpondo-as para o plano psicológico, dá-se sublimação e subutilização de nomes. Foi com este tipo de ajuda que o homem conseguiu justificar a si mesmo e conseguiu fazer da vida um enigma, um problema de conhecimento a partir de seu mais rudimentar impulso de sobrevivência.

> Para retomar o fio de nossa investigação, teve origem, como vimos, na mais antiga e primordial relação comercial pessoal, na relação entre comprador e vendedor, credor e devedor: foi então que pela primeira vez defrontou-se, mediu-se uma pessoa com outra. Não foi ainda encontrado um grau de civilização tão baixo [...] estabelecer preços, medir valores, imaginar equivalência, trocar – isso ocupou de tal maneira o mais antigo pensamento do homem, que num certo sentido constituiu o pensamento: aí se cultivou a mais velha perspicácia [...] o primeiro impulso do orgulho humano, seu sentimento de

> primazia diante dos outros animais [...] designa-se como o ser que mede valores, valora e mede como o animal avaliador. Comprar e vender, juntamente com seu aparato psicológico, são mais velhos inclusive do que os começos de qualquer forma de organização social [...] a partir da forma mais rudimentar de direito pessoal que o germinante sentimento de troca [...] foi transposto para os [...] complexos sociais [...] logo se chegou à grande generalização (NIETZSCHE, 1998, p. 59-60).

A linguagem nasce de um transe, uma trans-consciência da sobrevivência. O transe desequilibra o pensamento, tirando obstruções, posições e oposições sem uma integração harmônica da natureza, e, o homem, criador de formas, toda vez que pensa, transforma em categorias e estruturas, processos e impulsos em configurações abstraídas das coisas mutáveis às coisas imutáveis. Assim, sempre em novas tentativas de conquistas e realizações mergulha na profundeza do pensamento, depois esquecendo suas criações, volta-se novamente a elas, empenhado em responder sobre o significado daquilo que ele mesmo criou. Ninguém consegue construir algo sem ter em mente uma idéia. A idéia é a elaboração em germe de alguma coisa na razão, como semente enrustida a terra. Por isso, a origem daquele tipo de consciência é própria do experimentado, vivenciado e acolhido.

O conhecimento nasce dessa perspectiva do pensamento que gira em torno de uma idéia de consciência como algo elevado no homem. Esse orgulhoso conhecimento que o homem designa "sua consciência", esse poder sobre si mesmo, determina o destino a ser guiado por conceitos, não por intuições marcadas por uma vontade forte o suficiente para se impor sobre a vida. Assim, a supressão dos impulsos fortalece os elos dos jogos da linguagem. Pensar a experiência originária do pensamento lança o homem ao movimento de estruturação por trás da vida. Não existe nada fora do homem que sirva de justificativa que sustente sua existência, e o físico nada mais é do que um conjunto de forças ou impulsos. A vida é uma luta constante entre impulsos para aumento da potência, uma luta de impulsos por mais potência.

> [...] o defeito comum de partirem do homem [...] e acreditarem chegar ao alvo por uma análise dele. Sem querer paira [...] o homem, como uma *aeterna veritas*, como algo que permanece igual [...] como uma medida segura das coisas [...] Não querem saber que o homem veio a ser, que até mesmo a faculdade de conhecimento veio a ser; enquanto alguns deles chegam a fazer com que o mundo inteiro se urda a partir dessa faculdade de conhecimento. – Ora, *tudo o que é essencial* no desenvolvimento humano transcorreu em tempos primordiais, bem antes desses quatro mil anos que conhecemos [...] Tudo veio a ser; não há fatos eternos: assim como não há verdades absolutas (NIETZSCHE, 1983, p. 92).

O pensamento se impõe a si mesmo em reciprocidade com “a significação da linguagem [...] na medida em que o homem acreditou [...] nos conceitos e nomes das coisas [...] pensava ter efetivamente na linguagem, o conhecimento do mundo” (NIETZSCHE, 1983, p. 92-93). Nunca se poderá provar com o pensamento ou com a linguagem, o que há por trás da vida, das coisas e do mundo. Ultrapassar o próprio sistema, remetendo para fora, desencadear novos impulsos é restaurar novo princípio, um novo surgimento histórico. O sentido da crítica de Nietzsche parece estranho e paradoxal, no entanto, suas críticas ao pensamento, às pressuposições da origem suficiente da razão têm o propósito de compreender o mistério da espontaneidade do pensamento como atividade, conteúdo, função e significado no sistema de palavras, subtraem o sentir. Daí, o esvaziamento das línguas naturais, como a primeira conjuntura que ameaça a existência do homem.

> É com processo de dominação que a vida se confunde, é com vontade de potência que ela se identifica. Ora, a vontade de potência está presente nos numerosos seres vivos microscópicos que formam o corpo, na medida em que cada um deles quer prevalecer em relação com os demais. Encontra-se, pois, em todo ser vivo espalhada no organismo, atuando nos diminutos elementos que o constituem. Assim deixa de ter sentido, em termos fisiológicos, a idéia de um aparelho neurocerebral responsável pelo querer. “O aparelho neurocerebral não foi construído com essa ‘divina’ sutileza na intenção única de produzir o pensamento, o sentimento, à vontade”, assegura o filósofo, “parece-me, bem ao contrário, que justamente não há necessidade alguma de um ‘aparelho’, para produzir o pensar, o senti, o querer, e que esses fenômenos, e apenas eles, constituem a própria coisa”. [...] Nessa direção, afirma ainda: “Pressupõe-se aqui que todo o organismo pensa, todas as formas orgânicas tomam parte no pensar, no sentir, no querer – por conseguinte, o cérebro é apenas um enorme aparelho de centralização.” Não só o querer mas também o sentir e o pensar estão disseminados pelo organismo; a relação entre eles é de tal ordem que, no querer, já se acham embutidos o sentir e o pensar, de modo que pensamento, sentimento e vontade aparecem como indissociáveis (MARTON, 2000, p. 44-45).

Para Nietzsche é preciso reconhecer que em cada ato da vontade há um pensamento que manda, a vontade não é apenas um complexo de sentir e pensar, acima de tudo, é um afeto de mando. Os pensamentos, sentimentos e impulsos, acham-se presente na totalidade orgânica. Contudo, não afirma que os processos psicológicos têm base neurofisiológica, antes, suprime a distinção entre fisiologia e psicologia. Do ponto de vista orgânico, a idéia de uma razão intelectual responsável pelo querer, tampouco faz sentido, considerar a vontade uma faculdade do homem, como o entendimento, imaginação ou a razão. No seu entender, somente onde há vida, há vontade orgânica. Essa idéia latente aponta o conflito entre vida e conhecimento, para o efeito

enganador do intelecto, privilegiando o conhecimento, desmerece a vida, de modo que, o conhecimento não passa de invenção para assegurar a sobrevivência. No *Humano, Demasiado Humano*, o conflito entre conhecimento e vida, de forma atenuada, desloca-se para o interior do homem o conflito entre seus impulsos.

> A nós seres orgânicos nada interessa originalmente em cada coisa, a não ser sua relação conosco em referência a prazer e dor. Entre os momentos em que tomamos consciência dessa referência, nos estados da sensação, estão os de repouso, de não-sensação: ali o mundo e cada coisa são para nós sem interesse, não notamos neles nenhuma alteração [...] Talvez a crença primordial de todo ser orgânico, desde o inicio, seja até mesmo que todo o restante do mundo é um imóvel [...] até hoje pensamos ainda [...] que todas as sensações e ações são atos da vontade livre; se o indivíduo que sente considera a si mesmo, toma cada sensação, cada alteração, por algo isolado [...] incondicionado, desconexo: emerge de nós, sem ligação com o anterior e posterior. Temos fome, mas originalmente não pensamos que o organismo quer ser conservado, e esse sentimento parece fazer-se sentir sem fundamento e fim, isola-se e se toma por arbitrário. Portanto, a crença na liberdade da vontade é um erro originário comum a todo ser orgânico tão antigo que, existe desde que existem nela as emoções lógicas; a crença em substâncias incondicionadas e em coisas iguais [...] erros fundamentais do homem – mas, no entanto, como se fossem verdades fundamentais (NIETZSCHE, 1983, p. 95).

A vida enquanto fato biológico é superação de si. Nietzsche já vislumbrava que os fenômenos biológicos, psicológicos e sociais são um único e mesmo procedimento que vai constituir o elo entre a superação de si, ou seja, a vontade de potência. Ao explicitar que no nível fisiológico se dá a luta que envolve os vários elementos que formam o organismo humano, constituído por vida microscópica que lutam entre si, como ele diz:

> Onde encontrei vida, ali encontrei vontade de potência. [...] E este segredo a própria vida me contou: Não atingiu a verdade, por certo, quem atirou em sua direção à palavra da 'vontade de existência': essa vontade – não há! [...] Somente onde há vida, há também vontade: mas não vontade de vida, e sim [...] vontade de potência (NIETZSCHE, 1983, p. 238).

Há na linguagem, artifício que nega a vida. Qual o significado do artifício? Seu símbolo é vazio, nem se refere ao homem concreto, nem à sua essência! Tudo que o homem fala acerca da vida, nada mais é do que confissão de seus desejos, projetos e aspirações da superação de si.

> É o processo de simplificação, de assimilação da linguagem que vai funcionar como um filtro capaz de proteger o homem do devir, do tempo, da mudança, da morte. Se a vida é vontade de potência, também o universo conceitual humano, que Nietzsche chama niilista por negar o tempo e a vida, é produto desta mesma força interpretativa. É uma interpretação especifica a que determina a relação que o homem estabeleceu com a linguagem, uma interpretação que quer deter potência, portanto, uma vontade negativa

> de potência. O jogo que determina a vida e a consciência, como um aparelho de linguagem, é o mesmo. [...] O mecanismo de simplificação e redução, de assimilação do novo ao antigo, de rejeição do contraditório, é o que caracteriza a vida, e não apenas o sistema conceitual que nos foi imposto (MOSÉ, 2005, p. 99-100).

Nietzsche (1983, p. 93) afirma que, "aquilo que agora, para nós homens, se chamam vida e experiência – pouco a pouco veio a ser e, aliás, está ainda em pleno vir-a-ser e por isso não deve ser considerada como grandeza firme [...] uma conclusão sobre o criador (a razão suficiente)". Porque, o homem olha para a vida com pretensões inclinadas nos maus hábitos do pensamento lógico. Daí, todavia, seu postulado conclui: para reavivar a vida e fazer valer o próprio ser, o instinto de preservação não pode ser representado pela imaginação. O homem deve desfazer-se de todos os artifícios de sua criação para redescobrir sua essência e recuperar sua dignidade anulada. Em tudo isso pode haver verdade! A explicação psicológica não exclui os desejos e necessidades do homem, mas a experiência psicológica deve corresponder à realidade ontológica. Com a razão instrumental, o homem não pode concluir a fundamentação da vida, apenas representa uma compreensão de existência.

Sob alguns aspectos, a crítica de Nietzsche é pertinente enquanto se refere que a razão surge para re-aprender o mito, incorre no erro de interpretar mal o homem. O conflito entre consciência, instinto e razão, traz consigo, desejo e felicidade, mas distancia as disposições instintivas. Para preservar-se e defender-se, para superar a si mesmo, o homem distancia-se de sua gênese psicológica. "Essa inversão do olhar [...] essa direção necessária para fora, em vez de voltar-se para si", (NIETZSCHE, 1983, p. 301), resolve os problemas da preservação física e fica preso aos elos das doenças psíquicas. Todo homem nasce aparelhado com disposições instintivas. O instinto é força agressiva, é irracional. A razão significa a abstração do modo de pensar, sentir, falar. Entretanto, o homem, é um organismo vivo que age condicionado aos impulsos instintivos, suposto que a consciência se desenvolve sob a pressão da necessidade de comunicação.

> [...] o refinamento e força da consciência estão sempre em proporção com a aptidão de comunicação de um ser humano, [...] e a aptidão de comunicação, por sua vez, em proporção com a necessidade de comunicação [...] consciência é propriamente apenas uma rede de ligação entre homem e homem [...] ele precisava de seu semelhante, ele tinha que exprimir sua indigência, de saber tornar-se inteligível [...] ele necessitava, em primeiro lugar, de 'consciência', portanto, de 'saber' o que pensa. Pois, para dizê-lo mais uma vez; o pensamento que se torna consciente é apenas a mínima parte dele, e nós dizemos: a parte mais superficial, a parte pior: – pois somente esse pensamento consciente ocorre em palavras, isto é, em signos de comunicação; com o que se revela a origem da própria consciência [...] o desenvolvimento da linguagem e o desenvolvimento da consciência [...] vão de mãos dadas. Acrescente-se que não é somente a linguagem que serve de ponte entre homem e homem, mas também o olhar, o

> toque, o gesto; o tomar – consciência de nossas impressões dos sentidos em nos mesmos, a força de poder fixá-los fora de nos [...] a urgência de transmiti-los a outros por signos (NIETZSCHE, 1983, p. 216-217).

A vida psíquica não se realiza com artifícios e a razão não explica os processos psíquicos, assim como a linguagem não descreve o inconsciente do ser. No seu entender, a vida não dissimula nem um aparecer, mas se oferece como puro vir-a-ser, uma inocência sem atribuir aparência, finalidades ou desígnios secretos. A vida sob metáforas da linguagem revela-se como aparência e ilusão, deslocada de ambiguidade. A sublimação, ou seja, com a transferência do instinto para a razão, dão-se as superficialidades como expressões deformadas e símbolos do instinto reprimido. Nietzsche nunca fala do instinto ou da razão como se fossem entidades autônomas que se afrontam numa luta sem tréguas. Para ele não existe o instinto em si como também a razão em si. Segundo ele, do conflito entre instinto e razão, origina-se a ilusão, dando primazia à inteligência artificial sobre a vida instintiva. A força da razão sobre a vida suprime o instinto e mascara a vida a ponto de não distinguir o orgânico do psíquico. A intuição é o todo psíquico, é princípio inconsciente; a razão age como princípio consciente que, ao ganhar força, confronta-se com o instinto, o rejeita e o anula. A razão ao reprimir o instinto, orienta o homem a domesticar seu próprio instinto e o mundo para garantir a liberdade, como finalidade repressora da vida.

> O homem inventor de signos é ao mesmo tempo o homem cada vez mais agudamente consciente de si mesmo [...] a consciência não faz parte propriamente da existência individual do homem, mas antes daquilo que nele é da natureza de comunidade [...] ela se desenvolveu e refinou [...] apenas um mundo de superfícies e de signos (NIETZSCHE, 1983, p. 217).

Como instrumento de dominação, a linguagem constitui apenas um processo de nosso mundo psíquico, surge e é concebida como um meio capaz de contribuir para a evolução da intelectualidade e posterior conhecimento. Na perspectiva de Nietzsche, a linguagem e a consciência não passam de um "órgão de direção", "um meio de comunicabilidade". A força da comunicação impulsiona o homem a criar signos, onde cada palavra ganha sustentabilidade vinculada à vivência gregária de modo consciente. É a consciência que vai simplificar, na medida em que filtrar aquilo que pode ser reconhecido por ela, avaliará tudo que é traduzido em palavras. Para Nietzsche nada mais perigoso do que a função da consciência, entretanto, visa proteger e conservar o homem da violência de seus instintos. Para Nietzsche, a consciência, como filtro da

linguagem, termina por fazer inverter a direção das forças, ou seja, isto, que Nietzsche chama de "consciência de si" é uma forma de introspecção, um voltar-se para dentro de si. A interiorização do homem é uma obstrução de "todos os instintos" suprimidos. Sendo a força de ação dos instintos mais fortes que a da consciência, transforma-se em reação contra a vida. Se não fosse a força reguladora do instinto sob a consciência, a humanidade sucumbiria ao engano da linguagem. Portanto, a consciência com relação à pluralidade de forças orgânica é muito superficial, por isso o homem não se torna consciente de tudo o que pensa. O pensamento que se exterioriza em palavras, em signos de comunicação é superficial, ou seja, não é todo pensamento que se dá em palavras, apenas o que se torna consciente.

> A consciência, como lugar da interioridade e da ordenação centralizadora do eu, não passa de um sistema de palavras. [...] Ao contrário do valor superior conferido à consciência, ele diz 'Tudo o que entra na consciência é o último elo de uma cadeia, uma conclusão [...] O efetivo acontecer interligado passa-se abaixo do limiar de nossa consciência. Por baixo de cada pensamento encontra-se uma afecção. [...] Conhecer, ou tornar consciente é reduzir um processo corporal a sinais, é simplificar a complexidade múltipla do que acontece. Ao relacionar o desenvolvimento da consciência ao desenvolvimento da linguagem, Nietzsche não somente chama a atenção para o papel superficial da consciência, como acentua o poder nivelador da linguagem (MOSÉ, 2005, p. 116).

A intelectualidade, e de certa forma, a sublimação dos impulsos instintivos que passam a ser satisfeitos na superficialidade, ou melhor, a faculdade de entender, pensar e raciocinar é uma maneira artificial de interpretar a vida, um modo de responder questões sobre o fenômeno do mundo, da vida e do sofrimento; uma superficial compreensão de conhecimento que proporciona ao homem falso domínio sobre a natureza, um modo de mascarar a vida! A sublimação torna-se o caminho para a cultura da humanidade. Assim, os instintos mais originais são anulados e substituídos pelo consolo que surge com o mascaramento dos artifícios como resposta à dureza da vida. Com isso, o aspecto da linguagem, não proporciona respostas do saber, mas consolo ao temor e medo da contingente angústia e dureza da vida. Assim, o fundamento último da linguagem é o desamparo do homem diante da natureza.

> Mesmo todo aparato simplificador da consciência não é capaz de controlar os instintos determinantes da vida; em última instância, predomina a vida e seu jogo de forças [...] O papel da consciência é então esconder, afastar aquilo que não pode ser vivenciado. [...] Linguagem e consciência estão, para Nietzsche, determinadas pela necessidade de comunicação [...] A linguagem, a comunicação, a troca, a consciência, são sinônimos de [...] conservação da espécie, portanto, de enfraquecimento [...] O homem gregário é aquele que não quer ver, nem ouvir, nem saber. [...] Somente o tempo e a solidão

> possibilitam a absorção e digestão do que nos chega pelos sentidos. [...] A consciência, como aparelho de conhecimento. É marcada por uma constante "má digestão". Como um estômago doente, "dispéptico", ela não digere, não absorve, apenas julga, e aproxima ou afasta. [...] a linguagem, a comunicação, a troca, a consciência, são sinônimos de gregariedade, de conservação da espécie, portanto, de enfraquecimento. [...] Mas Nietzsche parece acreditar na possibilidade de a linguagem contemplar a singularidade, a força, a expansão, a potência. A valorização da solidão é uma das principais condições para uma linguagem afirmativa. Um dos mais belos trechos sobre a linguagem, em sua obra, aparece como um elogia a solidão. Se a linguagem nasce como um signo do rebanho, se a comunicação impõe o nivelamento e a vulgarização, a possibilidade de uma linguagem afirmativa surge, então, relacionada à solidão. É somente se afastando do jogo das relações, da malha conceitual nascida da necessidade de troca, de comunicação, que o homem pode criar novos valores (MOSÉ, 2005, p. 122-125).

Ao forjar a linguagem, de igual modo, forja um tipo de arma para se defender, um modo de escapar da realidade. A linguagem como primeiro esforço do homem rumo à ciência traz provas racionais que responde aos anseios, é sempre reinterpretada para novos fins, requisitada e transformada de maneira nova, transmuta-se sempre mais em uma cadeia ininterrupta de novos signos, novas interpretações e ajustes, cujas causas, não relacionadas entre si, sucedem e substituem de maneira casual. "Logo, o desenvolvimento de uma coisa [...] é tudo menos o seu progresso lógico [...] mas sim a sucessão de processos de subjugamento [...] as metamorfoses tentadas com o fim de defesa e reação [...] resultados de ações contrárias bem sucedidas" (NIETZSCHE, 1998, p. 66). A razão surge para responder às necessidades de defesa contra os fenômenos existentes na natureza, e se a forma é fluida, o sentido é mais ainda. Com isso se desconhece a essência da vida, e no reino das experiências humanas, o homem domestica o homem através da linguagem, mas não o torna melhor. Subitamente seus instintos ficam sem valor e suspensos! O que resta? O mal estar! Este mal-estar, em outras palavras, é o mal compreender-se interiorizado no pensamento desse homem, demasiado humano para compreender que sua autêntica existência torna-se estranha a si mesma, e, por fim, volta-se contra ele. Transfigurando sua causa prima, sua espécie, seu ancestral, sua existência autêntica, torna-se nada. A criação da razão suficiente é anseio do nada. "Eu penso, logo existo" é um pressuposto niilista da vida, um ser-outro, e não pergunta a si mesmo quanto custou à construção do seu ideal! Seu ideal o desensinou e o transformou em porta voz das coisas em si. Afirma Nietzsche, "quem pensa em palavras, pensa como orador e não como pensador". Nossa presumível aranha dos propósitos e moralidade por detrás da tela e teia da causalidade violenta a natureza. A razão humana e o sentido de liberdade deixaram a vida plena de ruína. Porque dentro de si, todos os

valores criados pelo homem se voltam contra ele. A vida contra a vida! O fisiológico não se identifica mais com o psicológico e o excesso de proteção da vida a degenerou.

4 LINGUAGEM, RAZÃO E NIILISMO

Pretendemos interpretar aqui, a propósito do movimento do devir transmutado em devir das aparências, a face oculta do niilismo. O ser está sempre em contado com a vida, é um contato consigo mesmo? É preciso conhecer a vida para não cair no vácuo do inteligível e negá-la? Para cumprir a tarefa que nos propomos, reuniremos as diferenças entre existência, exigência racional e a consequente mutabilidade de coisas, devido à diversidade do mundo físico. Por conseguinte, pretendemos neste capítulo *Linguagem, razão e niilismo*, interpretarmos a diversidade por origem e o ensino do saber que se presta às exigências do pensamento para persuadir e converter o verdadeiro no falso. *Do saber pré-socrático ao niilismo*, refletiremos sobre o saber e o abandono do ser em meio à multiplicidade do existir à existência, da solidão ao niilismo; *O cogito humilhado em Nietzsche* fala sobre a vivência que flui e se esvai entre vida, pensamento e consciência; *O nada saber e a solidão do ser humano refletirá* sobre o pensamento significando a vida submetida à relação entre reter e pensar e a perspectiva de vida em um mundo adaptado à contingência humana onde os valores se desvalorizaram restando à solidão, o abandono do ser!

4.1 Do saber pré-socrático ao niilismo

A compreensão de Nietzsche se realiza no contraste entre o existir e o saber existente que coloca bases e assinala seu início a partir da reflexão do homem. No saber pré-socrático há uma expressão imediata do sentir e pensar o mundo, posterior, esse mesmo saber é retomado com novas perspectivas de interpretações. Por outro lado, Nietzsche não compartilha de o pretenso saber, enquanto conhecimento conceitual da realidade, ser explicitado como objeto externo. O cerne de referência que coordena o pensamento de Nietzsche é a procura de uma visão única, originária de um princípio organizador. Aquilo que o homem interpreta pela percepção sensível é variável e oscilante evidência imediata. Em *Nietzsche: metafísica e niilismo*, Heidegger (2000, p. 65) escreve que o niilismo é abandono do ser, "esquecimento do ser e o despertar da aparência através do pensamento do valor". No processo da sensação, a elevação da vida conserva-se e não se esgota em si mesma. Neste sentido, Nietzsche admite mutabilidade variável e flutuante,

entretanto, a interpretação do homem cria uma estabilidade artificial das convenções que, encontra expressão no interesse do mais forte. Desse relativismo subjetivo da moral, a condição suficiente precisa ser aquela que não negue a vida em contado com o real.

> O ser nunca vem ao encontro do homem, como se o homem se encontrasse em algum lugar qualquer de fora enquanto um ponto de encontro possível para o ser. As coisas só se comportam assim nas ligações dos entes entre si. Se o ser viesse ao encontro do homem, então ele precisaria se tornar um objeto e o homem permaneceria apenas o que representa. Mas não é assim de fato em toda a metafísica? – Certamente. Na metafísica o ser é apenas o circuito mais extremo da objetividade. A metafísica, porém, nunca sabe algo acerca do ser: esta é a sua situação e ambiguidade ao mesmo tempo, uma vez que ela trata do ente. O ser é e é descoberto, conquanto aconteça [...] para os homens através de uma metamorfose essencial no ser-situado (HEIDEGGER, 2000, p. 72).

Heidegger, concordando com a aptidão de Nietzsche ao ligar o existir à existência, a idéia da "metamorfose essencial no ser-situado" abre espaço à reflexão da vida em função do contraste ao conteúdo do pensamento e vida. Esse contraste provoca o niilismo, o abandono da vida, o nada existencial, isto significa uma nova interpretação do ser que foi falseada, quando o homem coloca em novas bases o saber pré-socrático em meio ao progresso da ciência e tecnologia moderna, provocando a partir do séc. XIX um vazio universal, o niilismo. De igual modo, Thomas Ransom Giles (1979, p. 43) diz que, "em Sócrates, mais do que em qualquer outro grande pensador, encontramos o esforço de ligar intrinsecamente pensamento e vida" que para Nietzsche é processo desagregador da existência, neste sentido, uma antinomia contra a hegemonia da linguagem se faz necessário, por que o "conhece-te a ti mesmo!" não só gerou o conformismo, como enfraqueceu o caráter e dignidade do valor da vida. Heidegger (2000, p. 125-126) avança um pouco mais e comenta:

> O acabamento da metafísica [...] é já o início da modulação da metafísica em direção à "visão de mundo". Nietzsche, sobretudo movimenta-se por toda a parte sobre o caminho da passagem; a determinação de sua cunhagem conceitual, o modo de sua apresentação, a linguagem mesma carregam completamente a marca da "visão de mundo"; ele é dentre os seus contemporâneos aquele que se lança o mais intensamente nesta "direção". Toda e qualquer interpretação de Nietzsche que busque [...] a essência da visão de mundo emerge enquanto a inessência da metafísica a partir desta última.

Se para Heidegger (2000, p. 248), "o pensamento dá voz então ao ser sob a configuração do ente. Esse pensamento é o pensamento metafísico", para Nietzsche (1983, p. 384) "o instinto de autodestruição", é "a vontade de cair no nada". O niilismo é o sintoma implícito à vida moldada

por opiniões imediatas e incerteza, pois, o pensamento racional, escapa à instabilidade das coisas materiais, devido a sua natureza intelectual, torna-se medíocre. Pergunta Nietzsche (1983, p. 381): "o niilismo está à porta: de onde de nós vem esse mais sinistro de todos os hóspedes?" Diríamos que este hóspede advém das interpretações humanas sobre os conceitos e invenções metafísicas! O erro foi combinar a transmissão oral ao processo físico, como superação dos ideais do vir-a-ser, um modo hostil de abandono à vida. "O niilismo como estado psicológico" afirma Nietzsche (1983, p. 381), "tem ainda uma [...] última forma".

> [...] com o vir-a-ser nada deva ser alvejado e de que sob todo o vir-a-ser não reina nenhuma grande unidade em que o indivíduo pode submergir totalmente como em um elemento de supremo valor: resta como escapatória condenar esse inteiro mundo do vir-a-ser como ilusão e inventar um mundo que esteja para além dele, como verdadeiro mundo; [...] falta a unidade abrangente na pluralidade do acontecer: o caráter da existência não é 'verdadeiro", é falso... não se tem absolutamente mais nenhum fundamento para se persuadir as categorias "fim", "unidade", "ser", com as quais tínhamos imposto ao mundo um valor, foram [...] retiradas de nós – e agora o mundo parece sem valor [...] Resultado: A crença nas categorias da razão é a causa do niilismo.

A ambiguidade do falso e verdadeiro acentua a própria irreflexão e não são suscetíveis à compreensão, pois, pensamento, linguagem e razão, tiram a contingência, o mutável do existir! Quando se diz o conceito de algo, fala-se como antinomia contra a vida, assim, inicia-se ai o processo de aviltamento do homem através da intuição intelectual. Por meio dessa difícil forma de concepção do eu em si próprio, a vida é concebida como oposição a si mesma, não é reconhecida nela o vir-a-ser de sua vitalidade existencial. Neste sentido, Gadamer (2005, p. 326) escreve que "Nietzsche [...] já um tardio seguidor da crítica [...] contra a forma de pensar da mecânica", deixando subtender que Nietzsche não é um pensador sistemático, mas o que o orienta é, sim, a atração pela busca às raízes da existência através de uma crítica constante e um olhar livre ante a realidade.

> O fragmento – forma de expressão inaugurada em Humano, demasiado humano [...] remete à própria concepção nietzschiana de linguagem e de conhecimento. [...] A crítica da linguagem é, em Nietzsche, um dos elementos fundamentais de sua crítica da tradição metafísica. Empenhado em recusar a idéia de conhecimento como representação da realidade e de verdade como adequação, muitas vezes Nietzsche atribui à linguagem a responsabilidade de criação e manutenção de determinadas ilusões epistemológicas que, sustentadas por noções tradicionais como identidade, unidade, substância, causalidade, sujeito, consciência, induzem o homem à crença na possibilidade de constituição do conhecimento e da conquista da verdade. Para a crítica da Metafísica, a crítica da linguagem é sempre convocada a desempenhar um papel determinado diante da rejeição

> da idéia de verdade como bem absoluto ou adequação à realidade e do repúdio das idéias de 'eu' e de sujeito (CALOMENI, 2003, p. 35).

Nietzsche se orienta numa visão impregnada de paixão à existência e sua crítica aponta o ponto culminante do método do saber, princípio da construção racional que, é para ele, tal qual em Sócrates, um "nada saber!" Sócrates afirma nada saber. Para ele o verdadeiro saber está no íntimo da vida que ele denomina "maiêutica", um processo pelo qual o intelecto através do pensamento reflete a realidade. Diferente de Platão que procura uma realidade estável. Em Platão a dialética mostra a contradição entre sensível e realidade, o mundo da aparência e o mundo da verdade onde a "reminiscência das formas", através da "maiêutica", extrai da mente a idéia como princípio de inteligibilidade que ordena o conhecimento. É daqui que Nietzsche parte para compreender a valoração do supra-sensível em detrimento do verdadeiro mundo. Enquanto Platão definia o discurso do justo, bem e belo em si, etc., uma confiança na palavra razão e verdade que, tal convicção no "em si" chegou à certeza, definindo-as certeza universal.

É contra esta certeza na razão que Nietzsche dirigiu sua atenção para explicitar o niilismo implícito nas idéias platônicas. Na contradição do "em si", ali já apontava o impacto do niilismo, por que a razão dentro da natureza é uma ficção. O que é a razão? Nietzsche (1983, p. 331) responde: "metafísica da linguagem". Diferente do pensamento de Platão que designa essência às coisas nomeadas, solução racional para o conflito de valores, em Nietzsche, a convenção da linguagem dá o contraste entre mentira e verdade. Quando centramos a atenção no niilismo de Nietzsche, percebemos que a contradição entre verdade e mentira é uma adequação ao "impulso à verdade". A "justeza dos nomes" que Crátilo acredita ser adequação natural entre nome e coisas são relativas à convenção da linguagem. Falar e nomear são técnicas desenvolvidas pelo homem. A inadequação de princípio entre palavra e coisa é visto por Nietzsche como arte retórica, transmite apenas uma *dóxa*, não uma epistéme. O "formador da linguagem" ao designar sua vivência primitiva, esquece de sua origem demasiada humana de igualação do não-igual. Do esquecimento desse jogo de igualação surge o impulso à verdade. O que é niilismo? Convicção de que não existe verdade, só interpretação.

> Friedrich Wilhelm Nietzsche representa a rejeição de todo o pensamento e moral tradicionais. A radicalização da própria Filosofia, enquanto esforço para compreender a existência na sua imanência, exclusiva de todas as representações e juízos que a transcendem, encontra a sua formulação no pensamento de Nietzsche. Isto significa [...] dar um novo ponto de partida a todo o filosofar, rejeitando toda e qualquer formulação

> sistemática geral do pensamento. Para realizar esse objetivo, Nietzsche insiste em ter o olhar livre ante a realidade, a mão circunspecta, a paciência e a seriedade nas coisas menores, a arte de distinguir o real do irreal, os fatos da ficção, em ter toda probidade na busca do conhecimento. [...] Para Nietzsche [...] uma visão de acordo com o qual o homem deve viver não é apenas uma simples aquisição intelectual; é uma realidade tanto construtiva como regulativa da existência do homem, a ponto de determinar a própria natureza do seu mundo [...] de seus padrões racionais. [...] Reconhece que pode haver mais verdades [...] por detrás de todas as afirmações. É essa constatação que o fará emborcar a verdade de cima para baixo (GILES, 1979, p. 87).

Conforme citação acima, "emborcar a verdade de cima para baixo", indica que a análise nietzschiana não é uma crítica ideológica, mas, crítica radical ao pensamento moral da tradição que, segundo Nietzsche (1983, p. 221): "inferência que regride da obra ao criador, do ato ao agente, do ideal, [...] de todo modo de pensar e de valorar a necessidade que comanda por trás dele" para dizer sim à vida, e, para tal, Nietzsche afasta-se do sistema filosófico e reflete de modo independente sobre o problema da origem da linguagem e da vida concreta do homem enquanto "ser jogado no mundo" em sistema niilista entre valor e existência. O que orienta o pensamento de Nietzsche, afirma Giles (1979, p. 87), "não é um conceito, uma visão ou um sistema, e sim a paixão de buscar as raízes da existência". Nietzsche assume atitude contrária aos preconceitos arraigados à realidade para falar do homem extraviado dos seus instintos. Sua crítica é um grito aos ouvidos do homem: "sê tu mesmo"! Para Nietzsche o homem não é tudo o que pensa e faz. O que organiza a vida não é a dureza do método. O que corresponde à vida estaria lá, no mais silencioso prazer de gerar e de vir-a-ser. "Seja como for", afirma Nietzsche (1983, p. 105), "a vida, ela é boa", mas "a meditação do homem que acredita na magia e no milagre visa a impor à natureza uma lei" (NIETZSCHE, 1983, p. 101), uma artificial origem. Introduz-se ai, uma discordância de raiz! No fundo, Nietzsche luta pela autenticidade da origem que deve ser preservada. O homem domina a natureza porque a razão o desperta à astúcia para desviá-lo de seus instintos. Contrariar o habitual é, para Nietzsche, condição essencial para arrancar o homem do niilismo e torná-lo "espírito livre" da ilusão, capaz de refletir, mesmo que seja a duros "golpes de martelo", a fim de promover uma dialética contra os preconceitos entre o homem e sua existência.

> A própria dialética será, para Nietzsche, uma dialética que, em vez de pressupor as premissas de um argumento, as questiona, perguntando o que elas pressupõem. Nesse sentido, Nietzsche foi dialético no sentido socrático de questionar rigorosamente todos os pressupostos, de fazer Filosofia a golpes de malho e machado, pelo qual investe resolutamente contra todos os preconceitos arraigados na realidade. [...] Empunha toda a sua força [...] contra tudo o que corrói e envenena a vida [...] tudo aquilo que os homens têm considerado [...] realidade [...] não sendo mais do que imaginações ou, mais

> precisamente, [...] mentiras, produzidas pelos maus instintos de naturezas doentias (GILES, 1979, p. 88).

Para Nietzsche os atuais preceitos, afirma Giles (1979, p. 89) "são na verdade contra os indivíduos. [...] É preciso uma transmutação de valores!" A racionalidade, torna a vida do modo de pensar humano que, incitado ao saber, volve sua vontade a ocupar-se com suas próprias ações e intenções. A luta para superar toda e qualquer discrepância entre razão e instinto, invade o pensamento de Nietzsche (1983, p. 55), segundo ele, "quão pouco se pode estabelecer pela razão sobre o em-si das coisas", pois o homem se fez lógico para garantir sua vida física, entretanto, teceu sua própria algema com o tecido dos falsos valores e palavras ilusórias, invertendo o sentido de seu existir, nega a vida. A fidelidade do homem à linguagem exige-lhe cada vez mais monologar e criar artifícios para facilitar a dar valor à vida, um tipo de poder sobre si e sobre a natureza. Nietzsche concorda com a opinião de Pascal de que o homem ao sentir-se só é impelido a questionar o sentido desse vagar, desse nada fazer, restando-lhe escamotear o valor natural da vida ligando-a a condição do homem. Um modo desconexo de compreender o mundo vivido. O que deve ser posto em questão é o valor desses valores, é a "interpretação moral do mundo" enquanto moral da "linguagem de signos", atrás dela revela-se algo de assombroso. E, qual a evidência desse assombro gratuito? É a oposição renitente entre o natural e o artificial. A miséria humana é o "esquecimento de si", a troca do ser pelo fazer.

> Pascal é de opinião que os homens cultivam com tanto afinco seus afazeres e suas ciências simplesmente para com isso fugir às perguntas mais importantes, que todo solidão, todo ócio lhes imporia [...] pelo porquê, pelo de onde, pelo para onde. Aos nossos eruditos [...] a mais próxima de todas as perguntas: para que serve seu trabalho, sua pressa, seu doloroso atordoamento [...] o que será de uma civilização que está condenada, precisamente diante de tal cientificidade agitada, sem fôlego, que corre de cá para lá, [...] e, no entanto que há de ser, em geral, a ciência, se não tem tempo para a civilização? Respondei-nos, pelo menos aqui: de onde, para onde, para que toda a ciência, se não for para levar à civilização? [...] Isso nos faz lembrar a vida em sociedade das classes eruditas, que, quando a linguagem especializada se cala, só dão testemunho de cansaço, [...] de uma memória desbastada e uma experiência de vida desconexa (NIETZSCHE, 1983, p. 56).

Se da inquietante solidão e ociosidade surge à necessidade de questionar, a linguagem surge como resposta que, insinuando a vida como meio para o homem encontrar finalidade na existência e sentir-se livre da hostilidade da natureza. Dessa mesma necessidade, surge à verdade, a máscara decadente da vida. "Agora não é mais [...] a vida que rege e refreia o saber em torno do

passado [...] tudo o que era uma vez precipita-se sobre o homem. Até onde houve um vir-a-ser, até lá se deslocará, para trás [...] com a perigosa audácia do lema: haja a verdade, pereça a vida" (NIETZSCHE, 1983, p. 62). De onde viria essa afinidade entre verdade e existência? Como se sabe, Nietzsche expõe a verdade à crítica para desvendar o seu avesso. O desastroso modo de interpretação humana elevou a ignorância à categoria de virtude, elegeu o estado orgânico fraco e debilitado e o constitui por ideal de força de vida em oposição aos instintos de conservação da própria vida, deixou-se corromper pela razão, e, mesmo assim, "pensa-se, escreve-se, imprimi-se, fala-se, ensina-se [...] até ai tudo é permitido; somente no agir, na assim chamada vida, é diferente. [...] São homens ainda [...] ou talvez apenas máquinas de pensar, de escrever e de falar?" (NIETZSCHE, 1983, p. 63). Esses homens que se adaptam ao saber como "enciclopédias ambulantes", são considerados por Nietzsche, não homens, "apenas compêndios encarnados". A má forma de interpretar a realidade produz a uniformidade do conhecimento. A miséria humana é o enfraquecimento e a supressão do individuo, "exigir que o ego se renegue" (NIETZSCHE, 1983, p. 172) e se adapte ao "círculo de direitos e deveres" até o "esquecimento de si". Por ex., o que Sócrates distinguia no domínio da teoria e a prática é um pretenso instinto de conhecimento regido por suas verdades morais que, para Nietzsche são "funestas". O que é "instinto de conhecimento"? Instinto de dominação e apropriação! Por isso, a probidade intelectual é suprimida na distinção entre teoria e prática, visto que, a intelectualidade é apenas a impressão de fatos fisiológicos e as intenções morais, mera convicções de verdade, uma cega hostilidade à vida que denigre o mundo dado.

> Quem não houve o constante clamor de jubilo que perpassa por toda fala e réplica de um diálogo platônico, o júbilo pela nova invenção do pensamento racional, o que entende Platão, o que entende da antiga filosofia? [...] Naquele tempo [...] quando era praticado o jogo rigoroso e sóbrio do conceito, [...] tinha-se sobre a língua o outro gosto, mais antigo e outrora todo-poderoso: e contra ele o novo se destacava tão feiticeiramente, que a dialética [...] se cantava e balbuciava. [...] O antigo, porém, era o pensar sob o anátema da eticidade, para o qual havia somente juízos estabelecidos. Fatos estabelecidos, e nenhum outro fundamento senão os da autoridade: de tal modo que pensar era um redizer e todo o prazer do dizer e da conversação tinha de estar na forma [...] onde o conteúdo é pensado [...] o da forma em mutação, isto é, o da moda. O grego, também nos poetas, desde os tempos de Homero [...] não fruía da originalidade, mas de seu reverso. Foi Sócrates que descobriu o feitiço oposto, o da causa e efeito, do fundamento e conseqüência (NIETZSCHE, 1983, p. 184).

Desde Platão até hoje, a filosofia sob o domínio da moral, faz separação entre mundo pensado e mundo dado. Acreditar na verdade moral é dizer "não à existência". Sócrates definia a

vida como “decadente”. Dizia que “a vida não vale nada”. Em *Crepúsculos dos ídolos,* Nietzsche (1983, p. 329) critica o “problema de Sócrates” e sua “irreverência de pensar [...] negativamente ante a vida, e terem de se colocar [...] juízos de valor sobre a vida, [...] o valor da vida não pode ser avaliado”. Aos poucos se encheu o cérebro humano de conceitos, juízos e convicções, só muito tarde perceberam que, uma vez esvaziadas a força da vida, resta à objetividade do nada! “Logo o oco homem-de-cultura [...] por trás do impulso histórico [...] é despojado de sua força e de seu ânimo” (NIETZSCHE 1983, p. 65), uma coisa persistente, juízos preestabelecidos. A maior calamidade da perversão humana emerge do pensamento do homem por imaginar que o instinto envenena a vida e a razão a dignifica. Em tudo isso há muita contradição.

> Admiro a bravura e sabedoria de Sócrates em tudo o que ele fez – e disse. Esse zombeteiro e [...] caçador de ratos de Atenas, que fazia estremecer e soluçar os jovens mais altivos, não era somente o mais sábio dos tagarelas que houve: ele tinha a mesma grandeza no calar. Eu gostaria que também no último instante de vida ele tivesse ficado calado – talvez pertencesse a uma ordem ainda mais alta de espíritos. Mas, se foi a morte ou o veneno ou a devoção ou a maldade – algo lhe soltou a língua naquele instante e ele disse: “Ó Críton, devo um galo a Asclépio”. Essa ridícula e terrível “última palavra” significa, para aquele que tem ouvidos: “*Ó Críton, a vida é uma doença!”* Será possível! Um homem como ele, que viveu sereno e diante de todos os olhos como um soldado – era pessimista! Ele havia, justamente, apenas feito uma cara boa para a vida e escondido a vida inteira seu juízo último, seu sentimento mais íntimo! Sócrates, Sócrates sofreu com a vida! [...] até mesmo um Sócrates tinha que se vingar ainda? Havia um grão de altivez a menos em sua riquíssima virtude? – Ai, amigos! Temos de superar também os gregos! (NIETZSCHE, 1983, p. 208).

A profunda confiança de Sócrates virou dúvida! Cai na contradição, no mal-entendido do ser e da vida emaranhada no “nada saber de seu próprio ser”! Naquele momento o “vir-a-ser” lhe pareceu “oco, enganoso, raso e digno de [...] desprezo; o enigma que o homem deve resolver, ele só pode resolvê-lo a partir do ser, no ser [...] e não ser outro” (NIETZSCHE, 1983, p. 75). A singular tentativa de negar a vida converteu-se em um nada! Em Nietzsche, é aqui que começará a causa e efeito do não saber nada do ser. Entre as malhas da linguagem e a ficção da razão neste subsolo é que o homem “projeta a crença na substância-eu sobre todas as coisas” (NIETZSCHE, 1983, p. 331). Da concepção do “eu” deriva-se o conceito “coisa”. De onde provém a concepção do “eu penso, logo existo”? Da “fatalidade do erro [...] das categorias da razão [...] na linguagem” (NIETZSCHE, 1983, p. 331). Se para Nietzsche a linguagem é retórica, é porque não expressa a realidade do mundo que é um mutável vir-a-ser. O homem prisioneiro das falácias da linguagem interpreta o mundo, a moral, os fenômenos, apoiado em suas ficções, é aqui que começará a

crença na substância, enquanto substrato utilizável para significar o vir-a-ser que ganha força persuasiva na força do hábito das categorias da razão.

> Quem entende a sua vida apenas como um ponto no desenvolvimento de uma espécie ou de um estado ou de uma ciência e assim quer ser parte integrante da história do vir-a-ser, da História, não entendeu a lição que lhe propõe a existência e tem de aprendê-la mais uma vez. Esse eterno vir-a-ser é um mentiroso jogo de fantoches no qual o homem esquece-se de si mesmo, a verdadeira dispersão que desbarata o individuo [...] o infindável jogo de burla que [...] joga diante de nós e conosco (NIETZSCHE, 1983, p. 75).

Considerando que o homem veio a ser e é mutável, no vir-a-ser, não se fala em indivíduos, mas na multiplicidade do contínuo devir. Os postulados lógicos, tais como substância, sujeito, causa-efeito, etc., têm sua origem na trama da linguagem extraída do pensamento que nivela seu teor em sua relativa dependência de revestir-se diante da realidade das coisas. O homem vive com as coisas, tal como a linguagem lhes apresenta: um sentir e um atuar na dependência de suas representações. Por conseguinte, o niilismo como experiência psíquica indica que o "homem esquece-se de si mesmo", uma dispersão que burla a vida. Conforme exemplificou Heidegger, "o abandono do ser"! Há, pois, no pensamento de Nietzsche o querer abranger o conteúdo do ser, quer se refira à interpretação do organismo físico ou a explicação de processos psíquicos. Para ele, a função de apreender, não pode despontar das próprias coisas, nem pode ser compreendida a partir da visão. Pois aquilo que é entrevisto, não mostra o original. Daí resulta, pois, que a linguagem se contrapõe ao transitório, ao ser, ao devir!

4.2 O cogito humilhado em Nietzsche

A presente investigação desse capítulo, conforme já comentamos, situa-se no âmbito do problema do saber, linguagem e niilismo para condensar a maneira de Nietzsche interpretar a vida, a compreensão especifica do problema da linguagem e seu procedimento prático em construir conceito de conhecimento e verdade. Que conhecimento é esse? Que verdade é essa? Entre outras coisas, nosso propósito é rastrear agora, na compreensão dos textos de Nietzsche o que significa o cogito enquanto reflexão que não o surpreende. Até certo ponto, Nietzsche enfatiza que a linguagem sugere o caos que se encadeiam como consequência de anulação do instinto; caos evocado nas contradições entre valores morais e perda das condições para a pura relação com a realidade. Neste sentido, Nietzsche fala que o homem deve apreender a tirar da

vida uma vitória permanente sobre a vida, eliminando as sombras produzidas pela "máscara da razão". Desse percurso entre convenção e hábito a identidade da vida se apóia no "eu penso", uma auto-fundação do cogito humano sobre o vazio, um não reconhecimento da vida. Este mal-entendido enredado no conflito de interpretações fragilizadas epistemologicamente deu lugar ao jogo ambíguo de palavras como recalcamento, presente na vida como energia, pulsão. Aliás, Nietzsche reverte esse caráter idealista, "eu penso, logo existo", uma noção saturada de inteligibilidade e carente de compreensão da própria existência. É oportuno acrescentar o argumento de Ricouer (1997, p. 128): "aquilo a que chamava o cogito exaltado, com Descartes, e o cogito humilhado, com [...] Nietzsche, e terminava na atestação por si mesmo do cogito ferido", ou seja, o comentário de Ricouer explicita que a crítica nietzschiana se insurge contra a tese de Descarte da exaltação em torno do "eu penso" como elevação do conhecimento. Para Nietzsche o "eu penso" avilta a vida! Por isso, a linguagem é inimiga da vida, seu curso segue o programa da percepção, memória, hábito, etc. Nesta perspectiva, a articulação do pensar e falar são estranhos à vida e o sentido evocado do "eu penso" constitui tal epistemologia, onde a noção de conhecimento satura a inteligibilidade. A linguagem metafísica traz implícita em si mesma o esquecimento do ser. O que Gadamer (2005, p. 25) comenta como "o niilismo predito por Nietzsche [...] a consciência hermenêutica [...] percebe então que na era da ciência a pretensão do domínio do pensamento [...] teria algo de fantasmagórico e irreal". Mas, a razão ao penetrar a natureza humana faz renascer o estado autêntico dos sintomas orgânicos, concentrando à mente do homem que o potencializa sempre mais em sua própria negação de existência física.

> O fato de ser a vida que se manifesta na existência significa [...] que podemos retroceder. A história da palavra forneceu certa legitimação a essa cunhagem conceitual baseada em sua produção. Já vimos que a formação da palavra 'vivência'[...] encontramos também uma contraposição entre vida e conceito. A vivência possui uma imediaticidade [...] que se subtrai a todas as opiniões sobre o seu significado. O vivenciado é sempre a vivência. [...] O modo de ser da vivência é tão determinado que não se esgota. Nietzsche diz: 'Nós homens profundos as vivências duram longo tempo'. Com isso, quer dizer que [...] algo inesquecível e insubstituível, basicamente inesgotável para a determinação compreensiva de seu significado (GADAMER, 2005, p. 113).

A crítica nietzschiana deixa transparecer que o homem racional é um perigo em potencial, pois ao anular a vida, ignora as leis da natureza, entretanto, pretende dominá-la mesmo desconhecendo-a. O fato de a vida estar inserida à existência, o modo de ser não se esgota no conceito. Para Gadamer (2005, p. 325), "essa é a razão pela qual os verdadeiros precursores [...]

na indagação pelo ser e no seu remar contra a corrente de questionamentos metafísicos" é Nietzsche. Elevou à radical crítica do platonismo, confrontando-o à metafísica, interpreta o questionamento transcendental uma consequência do subjetivismo. Neste caso, o comentário de Gadamer enfatiza o perigo sinalizado por Nietzsche pelo fato de o homem se apropriar e manipular o que afirma intelectualmente como verdade, entretanto, ao afirmar algo, afirma por hipóteses, sendo assim, demonstra o grande vazio que há entre o conceito e a coisa em sua essência. Afirmar uma realidade vitalizada é sair do vazio do conceito para a verdade mais recuada da coisa em sua origem.

> [...] a crítica da linguagem aparecera como recurso metodológico para a compreensão do fenômeno do conhecimento e do processo de instituição da verdade. O jovem Nietzsche, ainda sob a inspiração kantiana, sobretudo no que se refere à interpretação da distinção entre 'fenômeno' [...] e 'coisa em si' [...] presente na filosofia de Schopenhauer percebe que não âmbito da linguagem se inscreve a crença na possibilidade de apreensão do 'em si' das coisas. Nesse momento, o 'em si' parece-lhe inacessível. Na palavra, não se guarda a voz do 'em si' da realidade; na palavra, pronunciam-se metáforas das coisas, porque palavra é tão-somente uma figuração de um estímulo nervoso em sons [...] A linguagem corresponde a um determinado tipo de relação constituída entre os homens e as coisas e não às coisas mesmas [...] a idéia de verdade como adequação deve ceder lugar à de convencionalismo lingüístico, já que a linguagem configura um mundo simbólico. É ofício de a linguagem promover o engano quando suscita a crença na possibilidade de captura da identidade do Ser e na autoridade do conceito, porque não passa de suposição pensar que a palavra tem poder suficiente para o encontro do 'em si' (CALOMENI, 2003, p. 36).

Rejeitar a razão significa não aceitar o raciocínio, pensamento, opinião, argumento, ou seja, é dizer não ao "cogito", a "coisa-em-si" é não render-se ao convencionalismo. O homem, desde a origem da linguagem, não possui a verdade, mas metáforas das coisas. Conhecimento são invenção e "sujeito cognitivo" criação do "impulso à verdade"; o impulso à verdade é apenas um dentre os vários instintos, pulsões e afetos de uma vida gregária, do convívio social. A "invenção" explica Nietzsche (1983, p. 147) "é sempre tal grilhão auto-imposto. Dançar em cadeias, tornar as coisas difíceis para si e em seguida estender sobre elas a ilusão da facilidade". Dando-se conta de que o acontecimento progressivo do saber tem seu princípio no ressentimento fundamentado na vontade, desaparecendo os conceitos teóricos como princípio de tudo, fica a ausência de apoio positivo como sustentáculo da existência humana. "Essas cadeias, [...] são aqueles graves e significativos erros das representações morais, religiosas e metafísicas" (NIETZSCHE, 1983, p. 150). A confiança na razão é uma forma de opressão do homem sobre o

homem deixado pelos artifícios; o vazio dos artifícios espreita a vida de modo letal, porque o sistema impede o homem de libertar-se dos elos da razão.

> A necessidade do convívio exige um acordo – um 'contrato social' – de natureza conciliatória e, então, a verdade passa a ser o ideal obrigatório para o qual se devem orientar todos os homens. [...] Ser 'verdadeiro' equivale a submeter-se ao jogo do convívio social, ao uso de 'metáforas usuais', [...] por outro lado, ser 'mentiroso' significa violar o acordo e escapar às regras convencionais estabelecidas pelo grupo. A distinção entre verdade e mentira compõe-se, neste caso, com o estabelecimento, pela linguagem, de convenções linguísticas satisfatórias ao imperativo de comunicação e convivência; regras obrigatórias – e, de todo modo, arbitrárias – de designação das coisas são instituídas coletivamente. O 'impulso em direção à verdade' é, neste momento, entendido como expressão de uma obrigação social, já que a sociedade, para sua composição, supõe obrigatoriedade do discurso verdadeiro. As condições de surgimento da verdade não são a certeza, a precisão ou a evidencia; ao contrário, configuram-se com o esquecimento. A verdade é uma espécie de mentira aceita publica e coletivamente, porque, ao instituir-se, institui, arbitrariamente, certo conjunto de metáforas. O homem nomeia a realidade com objetivos muito precisos: conservar-se e exercer franco domínio sobre o real (CALOMENI, 2003, p. 38).

Nietzsche pensa a razão, como uma má influência que estanca a vida e não a deixa seguir seu curso natural. A linguagem é um artifício que enfeitiça o homem e o conduz por vias contrárias a vida. Para fugir da contingência do mundo, o homem corromper-se em sua estrutura natural. Por isso, Nietzsche classifica a origem da linguagem como doença que corrompe a vida. Para ele, eclipsando a razão à linguagem é falida. O que torna o homem inquieto é sua capacidade de articular idéias e conceitos novos para sustentar o que desconhece. Transmutar os conceitos não é o mesmo que inventar valores para trazer sustentação à sua inquietude entre palavras e coisas. Para Gadamer (2005, p. 526), "o Crátilo de Platão discute duas teorias que procuram determinar, por caminhos diversos, a relação entre palavra e coisa. A teoria convencionalista vê a única fonte de significação das palavras na unicidade do uso da linguagem alcançada por convenção e exercício [...] desenvolvendo um hábito de linguagem". O despertar às idéias recheadas de pré-supostos, em busca do significado das coisas, torna as palavras sem meio, sem fim. A linguagem afirma e nega sua própria invenção, ou seja, uma mesma coisa. À sombra dos conceitos, as palavras ao dizerem algo, afirma o que o homem acredita. Ao acreditar no que a palavra denomina, advém daí o nada dizer. O nada dizer, nega também à vida! Enfatiza Nietzsche (1983, p. 162), "oh, conhecedores dos homens, aprendei a vos conhecer melhor!". O homem se oculta na generalidade do conceito, e, por conseguinte, adquire uma visão destorcida de si mesmo, sinal de decadência e degenerescência da vida.

> [...] todo nosso agir e conhecer não é uma seqüência de fatos e intervalos vazios, mas um fluxo constante. [...] Do mesmo modo que entendemos caracteres com inexatidão, assim o fazemos com os fatos: falamos de caracteres iguais, de fatos iguais: não há nem um dos dois. Ora, nos louvamos e censuramos somente sob esta falsa pressuposição de que há fatos iguais, de que dispomos de uma ordenação graduada de espécies de fatos [...] de valores. [...] A palavra e o conceito são o fundamento mais visível, pelo qual acreditamos nesse isolamento de grupos de ações: com eles não nos limitamos a designar as coisas, pensamos captar originalmente, através deles, o verdadeiro nelas. Por palavras e conceitos somos ainda agora constantemente induzidos a pensar as coisas mais simples do que são, separadas umas das outras, indivisíveis. [...] Há uma mitologia filosófica escondida na linguagem, que a todo instante irrompe de novo, por mais cauteloso que se seja. A crença na liberdade da vontade [...] tem na linguagem seu constante evangelista e advogado (NIETZSCHE, 1983, p. 141).

O mais sinistro de todos os hóspedes da vontade de potência é a razão; oculta em uma vontade que manifesta a crença de dissociar a vida de seu instinto natural. "Crer", critica Nietzsche (1983, p. 142) "tem mais valor do que saber", e, no entanto, a "constante existência da vontade de vida, no tempo, [...] é o coito; o sinal da luz do conhecimento, sempre de novo associada a essa vontade [...] é a renovada encarnação da vontade de vida. O signo desta é a gravidez" (NIETZSCHE, 1983, p. 143). A necessidade de criar respostas para o anseio, o "eu quero" plasma no pensamento consciente, apenas o superficial dos impulsos transposto em palavras, significa dizer que, a consciência não transmite em palavras o que o corpo fala, o que a vida entende. As experiências da vida não são experiências tagareladas! No entanto, o homem, a partir da linguagem se faz medida de todas as coisas.

> [...] a íntima unidade entre falar e pensar [...] um papel decisivo no estimulo ao pensamento sobre a linguagem [...] a formação dos conceitos [...] de objetos racionais, cuja geração construtiva evoca relações correspondentes na vida [...] pode-se dizer que toda vez que a palavra assume a mera função de signo, o nexo originário entre falar e pensar, que é o objeto de nosso interesse, se transforma numa relação instrumental [...] se tornou tão evidente e natural [...] que, ao lado do ideal, [...] a vida da própria linguagem segue seu curso sem alterações (GADAMER, 2005, p. 559-560).

Essa relação instrumental citada por Gadamer é a conexão estabelecida pelo hábito entre pensar e falar. É oportuno destacar o pensamento de Wittgenstein, justamente por conter coerência no sentido de silenciar quando necessário, pois, "o que não se pode falar, deve-se calar". De igual modo, Nietzsche pensa a fala a partir da linguagem como uma forma que figura a realidade, para ele, "deve-se falar somente quanto não se pode calar; e falar somente daquilo que se superou – tudo o mais é tagarelice" (NIETZSCHE, 1983, p. 123). Um nome representa uma

coisa, formando elos entre si, de tal modo que, o jogo vivo de palavras, somente representa as coisas, nada mais. Assim, há um paralelismo entre mundo dos fatos reais e as figurações da linguagem.

Na medida em que a figuração da realidade na multiplicidade lógica define-se como forma de representação comum entre figuração e o figurado, possibilitando que as coisas no mundo relacionadas denominam-se forma de realidade, embora, a figura da realidade não diga sua própria forma lógica de representação, o que identifica o afigurado é a figuração. Por si só, o nome não é uma figura do objeto e, portanto, sozinho nada diz. As palavras não dizem o que a coisa é. As contradições, como as tautologias, ambas não determinam a realidade, não possuem condições de verdade. Assim, a posição de Nietzsche (1983, p. 146) mostra que, "esse mau hábito nos induz também a querer entender e decompor a natureza interior, o mundo ético-espiritual, segundo tais oposições [...] assim no sentimento humano, por se pensar ver oposições em lugar das transições", por serem tautologias e contradições, as coisas são vazias de sentido, não são figurações da realidade, são formas vazias de representação possível. Por ex., as tautologias permitem todas as situações, a contradição nenhuma!

> [...] os pesquisadores quando estavam a caminho da origem das coisas, pensavam sempre encontrar algo daquilo que é de inestimável significação para todo agir e julgar, e mesmo que se pressupunha constantemente que da compreensão da origem das coisas [...] quanto mais avançamos na perseguição da origem, menos estamos envolvidos [...] às nossas estimativas de valor [...] que pusemos nas coisas começam a perder seu sentido, quanto mais recuamos com nosso conhecimento e chegamos às coisas mesmas. Com a compreensão da origem aumenta a falta de significação da origem: enquanto o mais próximo, o em-torno-de-nós e o em-nós, começa pouco a pouco a mostrar [...] significações com as quais a humanidade antiga nem sequer sonhava. Outros pensadores, iguais animais em cativeiro, andavam ferozmente de um lado para outro, sempre à espreita das barras de sua jaula e investindo contra elas para quebrá-las: e feliz lhes parecia aquele que, por um vão, acreditava ver algo do lá-fora, do além e do distante (NIETZSCHE, 1983, p. 164).

Apoiar-se na linguagem para fundamentar o conhecimento é o mesmo que, segundo Wittiggestein "jogar a escada fora depois de ter subido por ela". A linguagem não tem base de verdade para falar do valor do mundo. Entretanto, "o penso, logo existo", abstrai a mais primitiva forma de linguagem, e, com ela, apresenta-se uma rede de símbolos, e os símbolos narram coisa e história. A linguagem dá vida aos símbolos e estes alcançam concretude e onisciência, o mundo abstrato da linguagem passou a fazer parte da realidade material. Os fatos abstratos narram a realidade pela expectação da visão teleológica do sentido humano. O caráter essencial da

linguagem insurge o espanto perante tanta imaginação. Para eles, o mundo real era incompatível às necessidades, a linguagem implantou a mente humana o poder das fantasias.

4.3 O nada saber e a solidão do ser humano

Na tentativa de comparar o pathos da distância do movimento do conhecimento entre passado e presente, Nietzsche ultrapassa seu próprio tempo e como um profeta da vida atesta como condição necessária não uma transcendência do humano, mas uma transmutação do modo de pensar e agir. Estranho ao seu tempo fala como pensador nenhum falou e afirma um futuro abismal, de saber técnico e resultados práticos, mas em contrapartida, a existência humana perderia ainda mais sua própria identidade. No saber técnico há implícito artifício demasiado humano e o ser humano está tão preso às suas necessidades, ou seja, as necessidades continuam mantendo o homem na "caverna". Desde o início o conhecimento não contribui para tirar o homem da caverna, ao contrário, quanto mais o conhecimento evolui, tanto mais o homem fica preso às necessidades. O conhecimento deve libertar o homem para além das necessidades!

Os ataques de Nietzsche às "idéias modernas" contra o "tu deves" da moral, traduzida posterior, às palavras liberdade, justiça e igualdade, são interpretadas como novos descaminhos do hábito intelectual enraizadas à vontade. Por exemplo, *res cogintans* e *res extensa*, determinam a multiplicidade do real através da vontade. Digamos que a substância pensante de Descartes distinguisse ontologicamente o mundo natural e o mundo humano? E Nietzsche, como ele designa o mundo? Uma descomunal força sem fim, uma grandeza que não se consome, apenas transmuda! Em face daquela pretensão do saber cartesiano em nada promova a existência, de fato, para Nietzsche, o que Descartes fez, foi atrair ainda mais o homem para o labirinto da caverna. Ocupando-o com idéias "das substâncias pensantes", o manteve preso à caverna e ao ato de querer pressupor e representar o niilismo moderno, de maneira tal, este se torna tão obscuro quanto aquele no passado distante. Uma história do conhecimento que parecia ser uma chave que daria abertura à liberdade, e tornaria o homem "espírito livre". Entretanto, só mais tarde, o homem compreendeu que jamais havia saído da caverna e o niilismo por seu êxito inverte as visões e reflexões. Se há mais de duas gerações Nietzsche dizia que "o mais inquietante de todos os hóspedes" estava chegando, significa dizer que, o conhecer é um "nada saber", ou seja, o nada

se encontra implícito no saber! O nada, o vazio do presente, é a resposta análoga à questão do existir futuro.

> [...] a irrupção do "niilismo", quem é, exatamente, esse "mais sinistro de todos os hóspedes?" "Que significa niilismo? [...] Que os valores supremos se desvalorizaram. Falta o fim; falta a resposta ao porquê". Os valores [...] foram criados [...] para o fortalecimento do homem [...] como esperança e vida futura. Hoje, em regime de niilismo [...] o universo nos parece desvalorizado, "carente de sentido". E, para Nietzsche, o "pessimismo" de Schopenhauer era a expressão filosófica desse desalento: se os valores se desvalorizam, é a nossa "existência" que também perde o seu valor. [...] Nietzsche dirá que o niilismo, enquanto "estado psicológico", [...] é a tortura desse "em vão" [...] para dar sentido às coisas; mas o vir-a-ser não parece realizar fim algum. Agora o niilismo é a decorrência da decepção quanto a uma suposta finalidade do vir-a-ser (MOURA, 2005, p. 24).

Quando Nietzsche desemboca no misticismo silencioso do pensamento de Schopenhauer em face da dureza da vida guiada pelo hábito de cada dia, seus conflitos e sofrimentos não desistem da vida e efetua a viragem entre a diferença de vontade de vida e mundo como representação, pensa o querer saber como negação de existência, ao mesmo tempo, fonte de sofrimento. Semelhantemente, seu mestre entende que o sentido do mundo não é apreensível pela linguagem: "o que todos pensam e dizem, [...] não passa daquilo que nós também agora consideramos, ou seja, o mundo como representação submetida ao princípio de razão" (SCHOPENHAUER, 2005, p. 49). Tirando as representações até agora concebidas, remontando o tempo, espaço e matéria, certamente a sensibilidade e entendimento desapontaria uma nova consciência da realidade. Confere ao homem superar o imediato, já que ele vive dividido entre passado, presente e futuro preocupado em satisfazer suas necessidades do momento, prepara artifícios para o futuro em que ainda não vive. Aí repousa o niilismo: à impressão do momento, em seu efeito intuitivo, imprime reciprocidade ações concordantes:

> O animal, ao contrário, é determinado pela impressão atual. Apenas o temor da pressão presente pode restringir seu apetite, até o ponto do temor se tornar hábito [...] tem-se aí o adestramento. O animal sente e intui; o homem, além disso, PENSA e SABE. Ambos QUEREM. Enquanto o animal comunica sua sensação e disposição por gestos e sons, o homem comunica seus pensamentos aos outros mediante a linguagem. [...] Linguagem é o primeiro produto e instrumento [...] da razão. [...] Linguagem e razão, vem de inteligir que não é sinônimo de [...] ouvir, mas significa a conscientização de pensamentos comunicados por palavras (SCHOPENHAUER, 2005, p. 83).

Não podemos por isso alcançar um conhecimento evidente de sua essência, mas somente um conhecimento abstrato e discursivo. Os conceitos permitem pensar o que é trazido aos olhos, os objetos da experiência propriamente dita. Para Schopenhauer (2005, p. 86) "a fala, como objeto da experiência externa, [...] não é outra coisa senão um telégrafo [...] que comunica sinais arbitrários com grande rapidez e nuances sutis. [...] É a razão que fala à razão, sem sair de seu domínio". Desse modo, a linguagem é um fenômeno que o homem credita à razão, porque o "ato da vontade, segundo Schopenhauer (2005, p. 157), "e a ação do corpo não são estados diferentes [...] são um e a mesma coisa [...] a ação do corpo nada mais é senão o ato da vontade". A identidade da vontade com o corpo é uma "vontade de vida" arrebatada pelo organismo, afirma Schopenhauer (2005, p. 211), crava continuamente os dentes na própria carne [...] até que, por fim, o gênero humano, por dominar todas as demais espécies, vê a natureza como um instrumento de uso". No desejo de suprimir os sofrimentos da vida, essa vontade remete sempre o homem a si mesmo, porque, o conceito já implícito no conhecimento age sobre o homem como um fazer-efeito que vai dele à realidade, e, para sua surpresa e admiração, a máscara do dito exprime meros juízos e opiniões. Logo, o mundo produzido pelo homem é "mundo como vontade e representação" e a raiz da situação niilista significa que "os supremos valores se desvalorizem"! Sobre esta base, a crítica nietzschiana faz sentido: o ser humano abandonado e entregue a si mesmo reclama sua ausência de rumo em meio à solidão de sua própria existência! Seu abandono do ser.

5 CONCLUSÃO

A questão que se coloca como conclusão são as distinções que Nietzsche faz entre existência e conhecimento para estabelecer a linguagem como ponto de intersecção onde se entrecruza a verdade. Como a investigação do procedimento genealógico em Nietzsche trabalha com a noção de valor, a idéia da avaliação moral é um meio para justificar a vida enquanto vontade de potência e campo de forças instáveis sempre em tensão. O filósofo rejeita a idéia de sujeito objeto e ressalta o aspecto instrumental do conhecimento sob a eficácia do pensamento e da linguagem. Nietzsche mostra que o homem, demasiado humano se vê impossibilitado de apreender o mundo tal como ele é. Na psicologia ele julga encontrar as respostas para a transformação dos valores. Neste sentido, trabalha com a noção crítica do mundo supra-sensível, uma forma de negar as diretrizes do modo de pensar e agir da conduta humana. Mas, para fazer tal crítica aos valores, precisa utilizar um critério de avaliação que lhe possibilite conceber a vontade, enquanto vontade de potência à vontade de verdade.

Nietzsche legitima a questão do ser ao criticar as condições do conhecimento, condiciona o ato de conhecer em desacordo com a natureza psicofísica constituída a partir de uma multiplicidade de forças. Não tolera as noções de sujeito e objeto por considerá-las fictícias. Para ele, o existir na existência não passa de um campo de forças de diferentes probabilidades e diferentes interpretações, dentre elas, a vida humana. O homem se vê impossibilitado de apreender o mundo tal como ele é. Partindo do contexto histórico psicofísico, legitima a pergunta pelas condições do conhecimento e coloca a dificuldade entre conhecer e ser, uma vez que, são as diferentes interpretações da existência que condicionam o mundo previsível e calculável às necessidades práticas. Quanto a esse ponto, sua teoria não está em desacordo. Realmente o existir na existência constituído por uma multiplicidade de forças, resguarda diferentes interpretações e perspectivas.

Contudo, o procedimento genealógico conta com o auxilio do campo fértil da contradição entre instinto e razão. Verifica-se na chamada metafísica da linguagem, definida a partir dos conceitos racionais, uma ambiguidade grosseira. A história do pensamento elucida ao homem formas que lhe imprime à mente verdades, sua própria perspectiva de mundo, sua maneira de

apreender o agir e o reagir da natureza. Nietzsche apresenta-se como um filósofo que trabalha as questões da metafísica da linguagem a partir do desacordo do conhecimento, redefine seu caráter convencional e privilegia a vida ao legitimar a psicologia à fisiologia, diz sim à vida para sentir-se espírito livre e, assim, sentir, pensar, avaliar, tudo o que já foi avaliado, indicando deste modo, uma nova maneira de interpretar a realidade.

Sem dúvida, a vontade de potência é um argumento para refletir sobre a força física reprimida pelo dever convencional imposto às ações do homem em sociedade, enquanto individuo, ignorando sua condição psicofísica. Nietzsche parece sugerir que a força física reprimida, converte-se em impulso psíquico capaz de exercer sintomas orgânicos contrários à vida. A teoria da linguagem como expressão do desencadeamento da força orgânica, inspira Nietzsche a conceber todo procedimento do saber movido por essa sensação, assim, por vias distintas, recorre à idéia de força para interpretar o princípio metafísico da linguagem. A nosso ver, o desmedido princípio de ficção ativa e reativa do excesso da criação humana, já na sua origem, objetiva o caráter do ser.

Convém salientar que Nietzsche serve-se da crítica enquanto tendência especulativa para mostrar que é possível libertar-se dos erros históricos do passado da filosofia e atingir um conhecimento despojado do conteúdo dogmático instaurado pela verdade das concepções metafísicas. O condicionamento ao hábito é uma forma primitiva de dominação que impede o homem de tornar-se espírito livre. O valor da vida não reside na razão suficiente nem no utilitarismo extrínseco a ela. Por fim, queremos apontar que Nietzsche refaz em toda sua obra uma crítica a chamada metafísica da linguagem. Acredita que aí está o núcleo do problema do conhecimento como um processo de uniformização produzida pela existência gregária. Concluímos que, a linguagem para Nietzsche torna-se incapaz de ultrapassar os limites da natureza e demonstrar a verdade absoluta por trás do mundo!

REFERÊNCIAS

BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

ZAMPIERI, Gilmar. Nietzsche e o martelo: crítica aos ideais cristãos. Canoas, RS: **Cadernos La Salle**, 2006, p. 54.

AZEREDO, Vânia Dutra. **A interpretação em Nietzsche:** perspectivas instintuais. São Paulo: Cadernos Nietzsche 12, 2002, p. 76.

CALOMENI, T. Cristina B. **Solidão e verbo:** a palavra intempestiva e o tempo poético. São Paulo: Cadernos Nietzsche 14, 2003, p. 35, 38.

CASSIER, Ernst. **Linguagem e mito**. São Paulo: Perspectiva, 1985.

DELEUZE, Gilles. Platão e o simulacro, In: **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

DERRIDA, Jacques. **Margens da filosofia**. Campinas, SP: Papirus, 1991.

DIÔGENES, Laértios. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Trad. Do grego, introdução e notas Mário da Gama Kury. 2. ed. Brasília: Univ. de Brasília, 1977.

JONAS, Hans. **O princípio vida: fundamentos para uma biologia filosófica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

GILES, Thomas Ransom. **Introdução à filosofia**. São Paulo: EPU, 1979.

HEIDEGGER, Martin. **Nietzsche:** metafísica e niilismo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

LEBRUN, Gérard. **O avesso da dialética:** Hegel à luz de Nietzsche. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

MARTON, Scarlett. **Nietzsche:** das forças cósmicas aos valores humanos. 2 ed. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

MOURA, Carlos A. R de. **Nietzsche:** civilização e cultura. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Signos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MOSÉ, Viviane. **A grande política da linguagem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

PLATÃO. **Crátilo:** diálogos sobre a justeza dos nomes. Versão do grego. Dias Palmeira. 2 ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1994.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **Além do bem e do mal:** prelúdio de uma filosofia do futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **Obras incompletas**. 3. ed. São Paulo: Abril Cultual, 1983.

_____. **O nascimento da tragédia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

RICOUER, Paul. **A crítica e a convicção**. Lisboa: Edições 70, 1997.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Ensaio sobre a origem das línguas**. Trad. Lourdes S. Machado. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. São Paulo: UNESP, 2005.

TÜRCKE, Cristoph. **Nietzsche, uma provocação**. Porto Alegre: UFGRS, 1994.